

# PROJETO DIVERSIDADE NA ESCOLA

*Colorindo a Educação: Pensando uma Sala de Aula  
Inclusiva e Respeitosa*

*Benhur Pinós da Costa  
Bibiana Irala Gomes  
Carla Pizzuti Savian  
Carolina Araújo Londero  
Victor Dantas Siqueira Pequeno*



## Conselho Editorial

**Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva**

Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

**Profa. Dra. Alicia Eugenia Olmos**

Universidad Católica de Córdoba

**Prof. Dr. Astor João Schönell Júnior**

Instituto Federal Farroupilha

**Prof. Dr. Alan Ricardo Costa**

Universidade Federal de Roraima

**Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza**

Universidade de Santa Cruz do Sul

**Prof. Dr. Carlos Adriano Martins**

Universidade Cidade de São Paulo

**Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira**

Universidade Federal do Ceará

**Profa. Dra. Dayse Marinho Martins**

Universidade Federal do Maranhão

**Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos**

Universidade Estadual de Londrina

**Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Prof. Dr. Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos**

Faculdade Sesi-Sp de Educação

**Profa. Dra. Elane da Silva Barbosa**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

**Profa. Dra. Francielle Benini Agne Tybusch**

Universidade Franciscana

**Prof. Dr. Francisco Odécio Sales**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

**Prof. Dr. Gilvan Charles Cerqueira de Araújo**

Universidade Católica de Brasília

**Prof. Dr. Leonardo Bigolin Jantsch**

Universidade Federal de Santa Maria

**Profa. Dra Liziany Müller Medeiros**

Universidade Federal de Santa Maria

**Profa. Dra Liziany Müller Medeiros**

Universidade Federal de Santa Maria

**Profa. Dra Marcela Mary José da Silva**

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

**Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler**

Universidade Federal de Santa Maria

**Prof. Dr. Michel Canuto de Sena**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Profa. Dra. Mônica Aparecida Bortolotti**

Universidade Estadual do Centro-Oeste

**Prof. Dr. Rafael Nogueira Furtado**

Universidade Federal do ABC

**Prof. Dr. Roberto Araújo Silva**

Centro Universitário Lusíada

**Prof. Dr. Sidnei Renato Silveira**

Universidade Federal de Santa Maria

**Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin**

Universidade Federal do Oeste da Bahia

**Prof. Dr Tomás Raúl Gómez Hernández**

Universidade Central “Marta Abreu” de Las Villas

**]Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Projeto diversidade na escola [livro eletrônico] :  
colorindo a educação : pensando uma sala de  
aula inclusiva e respeitosa / Benhur Pinós  
da Costa...[et al.]. -- Santa Maria, RS :  
Arco Editores, 2024.  
PDF

Outros autores: Bibiana Irala Gomes, Carla  
Pizzuti Savian, Carolina Araújo Londero, Victor  
Dantas Siqueira Pequeno.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-5417-215-8

1. Diversidade 2. Diversidade sexual  
3. Educação inclusiva 4. Gênero e sexualidade  
5. LGBTQIAPN+ - Siglas I. Costa, Benhur Pinós da.  
II. Gomes, Bibiana Irala. III. Savian, Carla Pizzuti.  
IV. Londero, Carolina Araújo. V. Pequeno, Victor  
Dantas Siqueira.

24-188200

CDD-379

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Gênero e sexualidade : Políticas públicas educacionais : Educação 379

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253



10.48209/978-65-5417-215-8



# Sumário

|                                                                                                                                       |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Apresentação.....                                                                                                                     | 6  |
| Quem Somos?.....                                                                                                                      | 10 |
| Agradecimentos.....                                                                                                                   | 11 |
| Como Discussão o Reconhecimento e o Reconhecer-se .....                                                                               | 12 |
| Sobre as Siglas.....                                                                                                                  | 13 |
| Então, como todos/todas/todes nós poderemos contribuir às lutas por reconhecimento?.....                                              | 16 |
| Mas Temos Outro Problema: A Reconhecibilidade .....                                                                                   | 22 |
| Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?.....                                                                             | 23 |
| Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).....                                                                                        | 24 |
| Qual a Importância da Política Pública da Educação para as Lutas de Reconhecimento e o Problema da Reconhecibilidade na Escola? ..... | 25 |
| Sobre Outras Questões Quanto ao Reconhecimento.....                                                                                   | 26 |
| E as estratégias de manter uma linguagem inclusiva em termos de diferenças LGBTQIAPN+? .....                                          | 27 |
| Reconhecimento e representação.....                                                                                                   | 28 |
| Como o conceito de reconhecimento social pode nos ajudar a entender o relato de Bernardo?.....                                        | 30 |
| Reconhecimento e o Ensino Básico e por que a escola é um espaço importante para esse tipo de discussão.....                           | 31 |
| Reificação.....                                                                                                                       | 32 |
| Você conhece a Antra?.....                                                                                                            | 34 |
| Você conhece o conceito de Imagens de Controle?.....                                                                                  | 36 |
| Algumas representações positivas possíveis para uso como recurso didático.....                                                        | 37 |
| Promovendo Reconhecimento em sala de aula.....                                                                                        | 38 |
| Sugestões para toda a escola.....                                                                                                     | 38 |
| Sugestões práticas.....                                                                                                               | 39 |
| Sugestões de atividades.....                                                                                                          | 43 |
| Corpo de Movimento.....                                                                                                               | 46 |
| Eai, vamos conversar mais com michel foucault ? biopoder, sexualidade e corpos.....                                                   | 47 |
| Ato de Resistência.....                                                                                                               | 49 |
| Negritude e Sexualidade.....                                                                                                          | 53 |
| E como identificar uma violência interseccional na prática? No cotidiano escolar?.....                                                | 54 |
| Interseccionalidade.....                                                                                                              | 61 |
| Referências.....                                                                                                                      | 73 |

# *Apresentação*

## Olá professora, olá professor

Obrigado por acessar nosso material. O que irão ler aqui faz parte de um projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Maria e do Laboratório de Espacialidades Urbanas (LabEU), em parceria com coletivos, lideranças dos movimentos sociais LGBTQIAPN+ e agentes públicos legislativos do município de Santa Maria-RS.

As linhas de frente de atuação de uma instituição universitária e seus agentes (professores/as e técnicos/as administrativos/as) são o ensino, pesquisa e extensão. A extensão está representada pelo produto que aqui estamos apresentando e ela se refere a um conjunto de atividades que grupos acadêmicos, contidos na UFSM, fazem em parceria com a comunidade ou como contribuição em setores específicos da sociedade.

Esta publicação é a conclusão de uma trajetória de atividades de extensão que o LabEU desenvolveu em três anos de trabalho, debatendo questões relativas as diferentes identidades de gênero e de orientações sexuais entre professores e professoras de Santa Maria-RS, em parceria com lideranças e coletivos LGBTQIAPN+, mediante financiamento de bolsas de extensão e ensino para alunas e alunos dos cursos de Geografia e Ciências Sociais.

Esse material é produto específico do projeto de extensão denominado “Terceira Edição do Projeto Diversidade na Escola: o projeto de lei municipal de Santa Maria-RS 9091/2020 e as práticas de reconhecimento socioespacial e institucional das diferentes identidades de gênero e orientações sexuais”, compondo o rol de projetos do edital 014/2023 CV-ODH/CODERC/PRE/UFSM de apoio à Casa Verônica.

Em primeiro momento, a terceira edição do projeto reflete três anos de atividades de extensão do grupo “Diversidade na Escola”, que compõe o LabEU-UFSM, nos quais diferentes ações foram promovidas, principalmente de cursos formativos para professores e professoras da educação básica da cidade e de um conjunto de rodas de debates junto com pessoas

LGBTQIAPN+ e lideranças dos movimentos sociais para compor os assuntos principais que estarão sendo debatidos nesta publicação.

Em segundo momento, o edital faz parte do fomento do Observatório de Direitos Humanos da UFSM (ODH/PRE) para dinamizar as ações do “espaço multiprofissional Casa Verônica”, um espaço dedicado ao acolhimento de pessoas em situação de violência de gênero e a de LGBTQIAPN+fobia e à promoção da igualdade quando as diferenças de identidades de gênero e de orientações sexuais nos campi da UFSM.

O objetivo dessa publicação é constituir um processo de diálogo entre professores e professoras que estarão lendo e aspectos de histórias de experiências de vida de pessoas LGBTQIAPN+ que participaram de roda de conversa constituída no dia 21 de junho de 2023 nas dependências da Casa Verônica da UFSM.

A roda de conversa reuniu em torno de 20 pessoas LGBTQIAPN+ estudantes da UFSM e lideranças dos movimentos sociais da cidade e serviu para construir, de forma coletiva, um conjunto de narrativas sobre situações de experiências singulares das pessoas quanto suas diferentes identidades de gênero e de orientações sexuais.

As singularidades das experiências narradas na roda de conversa demonstraram uma série de situações em que pessoas LGBTQIAPN+ são afetadas de forma negativa devido ao preconceito e discriminação que sofrem em diferentes espaços sociais pelos quais a heterossexualidade e a cisgeneridade são normas de convivência, oprimindo demais corpos.

A partir das narrativas que foram gravadas neste evento, o grupo “Diversidade na Escola” seguiu a construção de um produto que pudesse ser lido por professores e professoras no sentido de sensibilização quanto ao que vivem como discriminação diária as pessoas LGBTQIAPN+. Neste sentido, o objetivo dessa publicação é de promover um reconhecimento sobre situações problemas muito provável de serem acometidas as pessoas/corpos que estão em desacordo na norma cisgênera e heterossexual.



Para organização da publicação, fizemos as transcrições da totalidade das narrativas gravadas e, posteriormente, nos inspiramos na Análise Textual Discursiva (ATD), conforme o livro de Roque Moraes e Maria do Carmo Galiuzzi “Análise Textual Discursiva”, de 2007. Entre os seus componentes do grupo “Diversidade na Escola”, no ano de 2023, dividimos a totalidade dos áudios e procedemos na constituição de seis diferentes “corpus” de análise (unidades que foram recortadas dos áudios e ficaram como responsabilidade de análise para cada componente do grupo “Diversidade na Escola”). Os corpus constituídos representam a transcrição das falas.

Como inspiração da ATD, cada corpus sofreu um processo de análise constituído por três derivações. A primeira derivação uma escrita do/da pesquisadora do grupo Diversidade na Escola sobre como a narrativa a sensibilizou. A segunda derivação uma ampliação das ideias no sentido de convergir alguma discussão teórica relativa aos debates sobre questões de gênero e de orientações sexuais. A terceira derivação é a formação de um conjunto de categorias, como palavras ou expressões essenciais (derivadas de textos mais longos da primeira e segunda derivações) que poderiam ser focadas para constituir os “metatextos”.

Neste conjunto de procedimentos descritos como “derivações”, as expressões chaves produzidas pelas análises representaram o que ficou de mais essencial quanto à relação discursiva feita entre a pessoa LGBTQIAQPN+, que colaborou com sua história de vida e experiência narrada e as possibilidades de diálogo analítico e teórico da/do pesquisador/a do grupo “Diversidade na Escola” que foi responsável em produzir a abertura escrita de um diálogo. Desse conjunto de elementos essenciais produzimos o livro, que compõe uma apresentação de questões relevantes a serem observadas por professores e professoras na escola quanto as diferenças de identidades de gênero e de orientações sexuais dos/as/es discentes.

Assim sendo, esperamos que esta publicação sirva como instrumento de sensibilização sobre o que vivem, em suas realidades e seus cotidianos, grande parte das pessoas LGBTQIAPN+.

## *Apresentação*

A publicação não consegue abarcar a complexidade e diversidade de sintomas psicossociais estabelecidos como consequências a uma vida baseada na opressão e discriminação acometida pela LGBTQIAPN+fobia, inserida numa sociedade cujos parâmetros normativos são a heterossexualidade e a cisgeneridade compulsórias, mas possibilita entender como, de fato, as pessoas das diferentes identidades de gênero e de diferentes sexualidades enfrentam, são oprimidas, mas resistem ao preconceito e discriminação. Esperamos que possamos colaborar sempre a este debate. Logo mais nos apresentamos e apresentamos as pessoas que colaboraram a este debate.

**Boa leitura!**

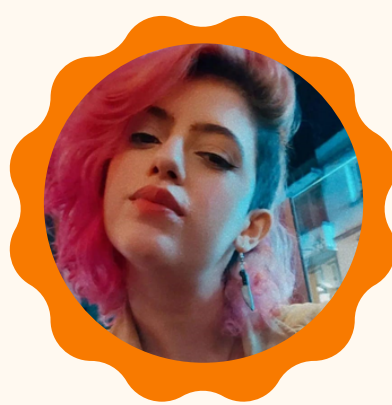
Benhur Pinós da Costa  
Santa Maria, setembro de 2023

# Quem somos?

A publicação não consegue abarcar a complexidade e diversidade de sintomas psicossociais estabelecidos como consequências a uma vida baseada na opressão e discriminação acometida pela LGBTQIAPN+fobia, inserida numa sociedade cujos parâmetros normativos são a heterossexualidade e a cisgeneridade compulsórias, mas possibilita entender.



Benhur Pinós da Costa, Geógrafo, Professor do Departamento de Geociências e Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSM. Coordenador do Grupo de Pesquisa CNPQ Espacialidades Urbanas.



Bibiana Irala Gomes, estudante de graduação em Ciências Sociais - Licenciatura na UFSM, integrante do Laboratório de Espacialidades Urbanas (LABEU) e Observatório da Desigualdade (LABIS). Mãe do Martín.



Carla Pizzuti Savian, Geógrafa, Pesquisadora e extensionista no Laboratório de Ensino e Pesquisas em Geografia e Humanidades (LEPGHU) e no Laboratório de Espacialidades Urbanas (LABEU).



Carolina Araújo Londero, Enfermeira. Educadora em formação. Mestranda em Saúde Coletiva. Atualmente integra o Laboratório de Espacialidades Urbanas (LABEU) e o Grupo de pesquisa Saúde, Ambiente e desenvolvimento (SAD).



Victor Dantas Siqueira Pequeno, Geógrafo (licenciado). Membro do Grupo de Pesquisa em Tecnologia, Território e Redes (GTTER) - UEMS/CNPq e pesquisador no Laboratório de Espacialidades Urbanas - LabEU

# *Agradecimentos*

Gostaríamos de agradecer a todes, todas e todos que possibilitaram a construção desse livro. Foi um trabalho coletivo, com participações de diferentes pessoas importantes.

Ao Lucas Otesbelgue Henes pela contribuição na organização do grupo de pessoas LGBTIQIAPN+ que colaboraram com as narrativas, bem como por participar das reuniões de discussões.

A todes, todas e todos que nos confiaram suas narrativas, principalmente ao Carlos, Luiza Gaúcha, Grace Kelly, Ney Matogrosso, Thayane, Bernardo, Daniele e Leonardo.

Agradecemos ao apoio e financiamento da Pró-reitoria de extensão da UFSM por meio do Observatório dos Direitos Humanos e da Casa Verônica.



# COMO DISCUSSÃO O RECONHECIMENTO E O RECONHECER-SE

Procurem entender a “fala” de nosso colaborador Carlos, na caixa a seguir, que se identifica como homem cisgênero:

Toda pessoa que se representa por alguma diferença quanto sua identidade de gênero e de orientação sexual luta para se reconhecer e ser reconhecida pelos outros em uma sociedade cuja norma heterossexual e cisgênera a discrimina.



Nós estávamos fazendo uma seleção do “Alternativa” (pré-vestibular da UFSM) e estávamos procurando um professor e, “daí”, um menino trans. Ele tinha “passado” e tivemos uma conversa mais aberta com ele para uma relação mais inclusiva... e, “daí”, ele falou assim: eu vejo que uma aula é mais inclusiva quando o professor começa com a palavra TODOS... então, para mim e para nós que estávamos na seleção, enquanto homens cis, a gente não tinha pensado “nesse lado”. Ou seja, o quanto falar uma palavra podia causar algo em uma pessoa. Então, coisas simples, que não são necessariamente da minha vivência, mas que, também, transformam todo esse processo de curar... Porque nós não somos só aquelas pessoas que estão prontas, digamos que estamos nesse processo e tem muita coisa para mudar e entender isso. Se nós não conseguimos compreender então como queremos que as pessoas entendam, né?



E, na mesma relação do texto do Carlos, a “fala” de Luiza Gaúcha/Babi (mulher transgênera ou trans):



Então eu uso minha irmã como referencia porque ela acabou fazendo eu me conhecer mesmo por si própria, sabe. A minha identidade aflora em ter a minha identidade revelada e eu me sentia cansada de viver escondida e fazer naquela época o transformismo, que era a arte da beleza, né, e representar a beleza feminina. Na época tinham os concursos de rainha gay, que não existia a intitulação diversidade, rainha diversidade, drag, trans, ham não-binarie, queer e vários outros que nos temos hoje em dia. Então eu já não queria mais me vestir de mulher para estar nesse espaço: eu queria ser aquilo que eu era e que eu assumi minha identidade



Vamos pensar sobre isso nas próximas páginas?



# Sobre as SIGLAS

Em outro contexto e para pensar a questão das siglas que representam as diferenças de gênero e identidades sexuais, Grace Kelly (que se identifica como Homem gay cis ou cisgênero) nos fala:



Então era difícil naquela época e na escola... A coisa correu e fui apelidado de "macho fêmea", ninguém me chamava pelo nome, e o menino acabou se afastando de mim na escola, porque ele tinha receio das pessoas. Ninguém falava nada para ele... Falavam para mim. A "ovelha negra" era eu.

Então, antes tinha GLS e todo mundo sabia que eu GLS. Meu Deus era imprestável! E hoje quando se fala em LGBT as pessoas ainda continuam (discriminando) mas sempre fica aquela alegria, porque uma coisa eu sempre digo agente é gay mas é feliz, eu pelo menos eu sou feliz



## RECONHECIMENTO: AS PALAVRAS EM GÊNERO NEUTRO E A REPRESENTATIVIDADE EM SIGLAS

O ponto convergente das argumentações, mostradas anteriormente, se refere em ser representado/a/e socialmente por alguma palavra que se aproxime dos próprios significados/sentimentos da pessoa em relação a sua identidade de gênero ou de orientação sexual. Isso representa um desenvolvimento da linguagem no tempo e que está relacionado às lutas políticas que as pessoas LGBTQIAPN+ traçaram na história. Assim, foram construídas representações (palavras e imagens) para e pelas pessoas que sofriam por não se adequarem ao binarismo normativo existente entre se ter somente duas formas generificadas (o homem e a mulher) ou duas possibilidades de sexualidade (a heterossexualidade e a homossexualidade - sendo a segunda um polo representativo de desvio, compondo um estigma).

## As lutas por reconhecimento

RECONHECER E SE RECONHECER PARA A PRÁTICA SOCIAL DA FELICIDADE, DO ACOLHIMENTO E DO RESPEITO!

É fundamental exercitar em todos os lugares e espaços de relações sociais, como na escola, no trabalho, na família e nos círculos de amizades, o reconhecimento sobre como as pessoas constroem significados em relação à suas identidades de gênero e de orientações sexuais.

*Como podemos interpretar as narrativas de Carlos, Luíza Gaúcha e Grace Kelly?*

**1** As pessoas sofrem porque, nos meios sociais vividos, podem não existir palavras que representem um sentimento sobre si ou não exista um apoio simbólico (uma palavra sequer) que designe, de forma positiva, uma contradição sua perante ao que ocorra regularmente entre seus círculos de relações sociais (escola, família, trabalho, etc...).

**2** Poderão existir palavras significativas para que a pessoa seja reconhecida em seus espaços de relações sociais, mas as outras pessoas que participam desses círculos de relações não se interessam em usá-las porque não conseguem ou, simplesmente, não querem reconhecer a diferença contraditória a norma heterossexual e cisgênera (que discrimina as outras possibilidades de gênero e de sexualidade).

**3** As palavras que representem uma maneira de ser (ou uma identidade) são criadas na história como lutas de reconhecimento de pessoas comuns nos seus cotidianos, mas que se acumularam como discursos positivos sobre um conjunto de corporeidades que são reais ou uma orientação afetiva que, em princípio, poderia ser entendida de forma negativa (como desvio, doença, estigma, etc) ou que, simplesmente, não existisse na linguagem comum e formal.

Por exemplo, para a palavra “homossexual”, que fora criada pela medicina e psiquiatria como desvio sexual, tentando amenizar o crime religioso da pederastia, até final do século XIX, surgiu a palavra gay, nos anos de 1960 e 1970, como positiva para identificar pessoas que sofriam pelo peso da negativa social em ser homossexual. Por outro lado, nas últimas décadas, em virtude da emergência das redes sociais e dos movimentos de luta política por reconhecimento, que possibilitaram a visibilidade de corpos divergentes dos polos masculino e feminino, assim como da restrição entre heterossexualidade e homossexualidade, surgiram vários discursos/palavras representativos de pessoas não-binárias, bissexuais, assexuais e intersexuais.

COMO EVOLUI A  
CAPACIDADE DAS  
PESSOAS SE  
RECONHECEREM  
DE MANEIRA  
POSITIVA?

HOJE TEMOS  
DOCUMENTOS  
PROCUDUZIDOS  
SOCIALMENTE QUE  
APOIAM O  
RECONHECIEMNT  
LGBTQIAPN+



Acesse o manual pelo  
Qrcode



O “Manual de Comunicação LGBTI+”, da Aliança Naciona LGBTI+, de 2021, nos apresenta uma série de aprendizados que possibilitam qualquer um/a se posicionar com entendimento, respeito, responsabilidade e reconhecimento para/com as diferenças entre suas relações sociais imediatas. O Poder Judiciário do Estado do Sergipe, por exemplo, criou o “Manual de Comunicação LGBTQIAPN+”, ampliando a sigla (consideramos o material mais atualizado), para incluir a maior parte das maneiras de reconhecimento de uma extensão população e suas diferenças de identidades de gênero e de orientações sexuais.

# Então, como todos/todas/todes nós poderemos contribuir às lutas por reconhecimento?

Assim, a partir de lutas históricas por reconhecimento, outras pessoas conseguiram, simbolicamente, como uma imagem de si, confirmar/representar de forma positiva sua identidade real de gênero e de sexualidade. Assim, é de essencial valor para a prática da humanidade/amorosidade respeitar e reconhecer diferentes palavras produzidas como representatividade de uma pluralidade de pessoas que não se adequam aos significados da língua normativa e/ou das palavras conservadas nos meios sociais como únicas possíveis: é necessário reconhecer as diferenças e isso perpassa entender e saber, como um respeito e abertura de entendimento ao outro, como ela deverá ser chamada, não somente pelo nome, mas por todas as diferentes técnicas semânticas criadas pelos grupos sociais diversos no decorrer de suas histórias.

Como podemos ver nas argumentações (principalmente com a transcrição da fala do Carlos, sobre o que o professor falou no momento da seleção do Pré-Vestibular Alternativa), o simples ato de usar uma palavra, que represente uma possibilidade de existência de uma pessoa que não se identifique com a cisgeneridade ou com a polaridade entre heterossexualidade e homossexualidade, gera outro espaço de relações sociais positivas. Isso contribui enormemente para a plena formação psicossocial de uma pessoa que sofre enquanto discordante das normas conservadoras que tentam persistir na sociedade. Isso, em primeiro plano, é um ato de reconhecimento da integridade da pessoa humana, da sua singularidade, além de ser um exercício de empatia e de democracia.

## Dica de leitura



Manifesto ile para uma comunicação radicalmente inclusiva.



Acesse informações sobre o manifesto pelo Qrcode



Caso você prefira acessar mais informações por meio de vídeo:





## Para reflexão

Não seria gratificante poder contribuir para a alegria de viver de uma pessoa, como ela quer que seja?

Não seria importante usar uma palavra certa para que determinada pessoa se sinta feliz simplesmente pelo fato de ter entrado em contato conosco e ser reconhecida?

Não seria feliz, também, nos sentirmos felizes em ter o sorriso de uma pessoa quando a respeitamos em sua identidade?

## Reconhecimento

Não poderíamos colaborar exercitando as práticas de reconhecimento para a resolução das divergências e dos conflitos nos espaços de relações sociais comuns?

Reconhecer uma pessoa na sua singularidade e no seu desejo de ser tratada/o/e de uma forma específica cria um laço de positividade que reverbera em todas as direções: na própria pessoa que se sentiu reconhecida; na pessoa que reconheceu; no outro (terceiro) que assistiu o ato de empatia e felicidade do tratamento justo e de amor entre pessoas tão diferentes.

## Lutas por reconhecimento

Como vimos até agora, a ideia de “reconhecimento” é importante para pensarmos um conjunto de relações sociais inclusivas, em diferentes espaços de interações sociais, como a Escola, o Trabalho, a Família e os círculos de amizade e afetividade. O conceito de “reconhecimento” parte da filosofia de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, principalmente em duas obras o “Sistema da Eticidade” (1802-1803), a Realphilosophie (1805-1806) e “Fenomenologia do Espírito” (1807), para isso ver a dissertação de Evânia Elizete Reich (2012).



Friedrich Hegel



**labEU**

Laboratório de  
Espacialidades Urbanas

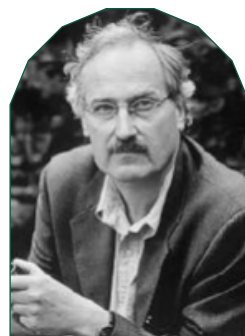
### Dica de leitura complementar

**O RECONHECIMENTO EM HEGEL**

**Dissertação**

**Evânia Elizete Reich**

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100571>

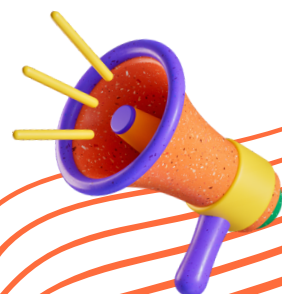


Axel Honneth



Judith Butler

Mais atualmente o sociólogo alemão Axel Honneth, da Universidade de Frankfurt, ampliou a teoria sobre o Reconhecimento Social, contribuindo ao debate sobre as questões de gênero e de sexualidade com a filósofa estadunidense Judith Butler, da Universidade da Califórnia em Berkeley



## Reconhecimento

Então, como vimos a palavra “reconhecimento” está muito além de respeito, porque ela designa, em princípio, a partir da leitura Hegeliana, duas questões fundamentais para nossa construção como pessoas/seres sociais: um processo de autoreconhecimento e um conjunto de situações de reconhecimento (ou “não” reconhecimento) sobre “mim” feito pelo “outro” com quem “me” relaciono (na determinada situação). Assim, isso significa dizer que cada sujeito social apresenta um conjunto de sentimentos, desejos e comportamentos singulares em relação a si mesmo. Tais sentimentos precisam ser compartilhados e reconhecidos socialmente, nos diferentes espaços de relações sociais.

PORÉM, NEM  
SEMPRE NOSSAS  
AUTENTICIDADES  
SÃO  
RECONHECIDAS! →  
ESSE É O  
PROBLEMA DO  
RECONHECIMENTO  
E A GERAÇÃO DE  
UMA VIDA DE  
CONTRADIÇÕES  
PSICOSOCIAIS.

Dessa forma, partimos para uma “luta por reconhecimento” que não é fácil nas nossas trajetórias de vida.

Assim, ser “reconhecido”, nos nossos desejos mais íntimos, perpassa uma relação com o outro que nos reconhece (ou não) e isso complica a nossa própria forma de se reconhecer.

Por outro lado, há representações sociais ou palavras que servem para que o “outro” (da relação social imediata) estabeleça um reconhecimento de forma pejorativa, como o simples fato de um menino ser chamado de “bichinha” por outro menino em uma situação de relação social específica na escola... Ou como nosso colaborador “Grace Kelly” argumenta que era chamado de “macho-fêmea”, constituindo um processo de formação da sua individualidade por uma falha, ou um defeito, sendo um processo de formação doloroso.

## PRECISAMOS EXERCITAR O RECONHECIMENTO NOS DIFERENTES ESPAÇOS DE RELAÇÕES SOCIAIS COMO A FAMÍLIA, A ESCOLA, O TRABALHO E OS CÍRCULOS DE AMIGOS/AS E DE DIFERENTES SOCIABILIDADES.

Então, pelo que estamos falando até agora, a própria sociedade, em seu movimento de tentar reconhecer a pluralidade de diferenças dos seus sujeitos sociais, tende construir novas representações que possam acolher os diferentes desejos em ser e em se comportar das múltiplas singularidades humanas.

É salutar que consigamos encontrar palavras que sejam positivas para nos autoreconhecermos, em termos dos nossos desejos e maneiras de ser, assim como o uso dessas palavras pelos/as outros/as seja exercido para que sejamos respeitados em nossas plenitudes.

O que diz Axel Honneth sobre reconhecimento?



Honneth nos mostra que existem diferentes esferas para que a pessoa estabeleça um pleno processo de autoreconhecimento tranquilo em termos de aspectos de sua autenticidade.

Todas as esferas são concebidas no sentido que existe um “outro” que reconhece e que isso constitui uma individualidade compartilhada socialmente. É importante, então, que tais esferas sejam de reconhecimento, caso contrário, de não reconhecimento, as pessoas partem para uma luta na perspectiva de serem reconhecidas.



LabEU

labEU

Laboratório de  
Espacialidades Urbanas



LabEU

## Esferas do Reconhecimento

**1**

O amor, no sentido que deve existir, no seio dos espaços de relações sociais, da família, da escola, do trabalho e dos círculos de amizades, pessoas com que se possa contar para se falar sobre os sentimentos íntimos, para que estes possam ser aceitos e compartilhados como verdades e possibilidades.

**2**

O reconhecimento jurídico, ou seja, que a pessoa esteja protegida por sistemas legais que a afirme em suas singularidades, como, por exemplo, ter uma legislação sobre educação e escola que permita que os debates sobre gênero e sexualidades sejam estabelecidos. Isso é realidade no Brasil desde os PCN'S (Parâmetros Curriculares Nacionais) de 1997.

**3**

A esfera social, ou seja, há palavras e imagens tratadas tranquilamente nos seios das relações sociais e que permitam a pessoa ser reconhecida em sua individualidade. Isso é o caso de se ter uma palavra que permita o autoreconhecimento e o reconhecimento pelo outro, como tantas as que existem como significados sociais na sigla LGBTQIAPN+, por exemplo.



Acesse o artigo “As esferas do reconhecimento: uma introdução a Axel Honneth”, de Suzana Guerra Albornoz.

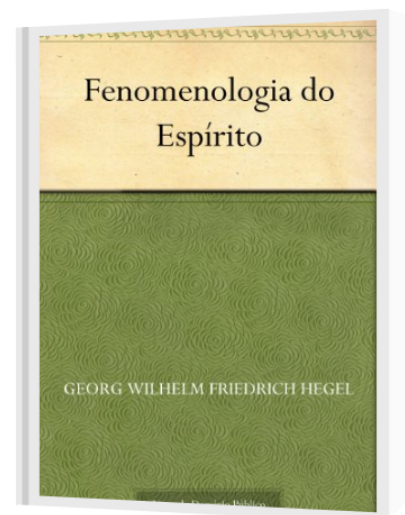


## MAS TEMOS OUTRO PROBLEMA: A RECONHECIBILIDADE

Judith Butler irá discutir as situações de relações sociais e as maneiras de reconhecimentos recíprocos como fundamentais ao desenvolvimento pleno das pessoas como diferenças, além dos padrões de comportamentos heterossexuais e cisgêneros. Por que as pessoas não são reconhecidas em aspectos de suas apresentações corpóreas em diferentes círculos de relações sociais? Por que um menino afeminado ou uma menina masculina são passíveis de não serem reconhecida/o ou ser reconhecida/o de forma negativa? Por que há para Hegel um “regime de eticidade” e para Butler um regime de reconhecibilidade.

TEMOS QUE TRANSFORMAR NOSSAS PERCEPÇÕES IMEDIATAS SOBRE DIFERENÇAS DAS PESSOAS QUE NOS APRESENTAM AOS OLHOS!

Para Hegel, no seu livro a “Fenomenologia do Espírito”, há um “regime de eticidade” que é transformado em sucessivos momentos históricos para que as pessoas das diferenças não contempladas pela ética social sejam incluídas. Isso significa dizer que a sociedade muda em termos de agregar representações gerais sobre quem sejam as diferenças sociais da pluralidade de pessoas as quais abriga. Para que as pessoas LGBTQIAPN+ sejam reconhecidas em quaisquer círculos de relações sociais, há lutas por reconhecimento que criaram representações ou imagens de aceitação das suas individualidades. Assim uma pessoa não-binária, por exemplo, será reconhecida tranquilamente porque a sociedade se desenvolveu constituída por sistemas de percepção os quais reconheçam essas pessoas.



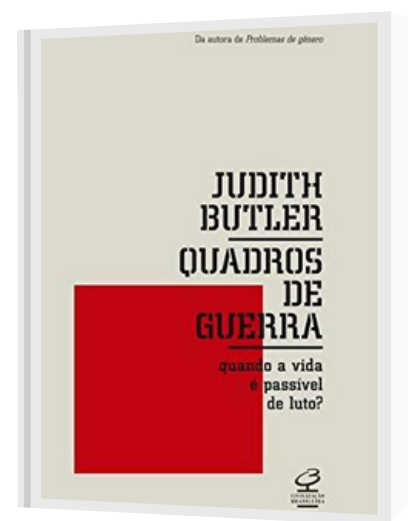
LabEU

labEU

Laboratório de  
Espacialidades Urbanas

## Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?

Butler, nesse livro de 2015, diz que algumas vidas perdidas em momentos de guerra não são passíveis de luto. Isso significa dizer que existem corpos/pessoas diferentes e que tais diferenças implicam maior valor ou desvalor social. O caso da Guerra é a extrapolação da percepção sobre o valor de determinada diferença social em termos de luto na sua morte. Então há regimes de reconhecibilidade em que determinada pessoa na sua diferença não é percebida como pessoa de valor. Isso implica repensarmos nossas esferas de reconhecimento porque formas de percepção (com quem compartilhamos) desvalorizam e invisibilizam determinados corpos. Inclusive algumas pessoas/corpos, como exemplo da autora, não são passíveis de luto e, assim, facilmente passíveis de serem violentados e mortos. Sabemos, por exemplo, que pessoas travestis morrem com extrema violência e não há, socialmente, o devido luto como valor humano para essas pessoas. Ver o caso de Dandara.



**Mas como o reconhecimento se constitui na educação básica em termos de políticas para a Educação? Uma das mais importantes políticas públicas para o reconhecimento das diferenças /singulares de sujeitos jovens em relação as suas identidades de gênero e das orientações sexuais são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de 1998.**



Corpos que não importam: vejam o caso da Travesti Dandara assasinda em Fortaleza-CE

## Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)

A Lei Federal 9394, Lei das Diretrizes Básicas de 1996, e a produção dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997, desenvolvido pela Secretaria de Educação Fundamental do MEC, representa o esforço em se pensar para a educação básica, em termos curriculares, a sociedade brasileira sob perspectivas multiculturais.



### Os **Temas Transversais** nos Parâmetros Curriculares Nacionais

Elizabeth Fernandes de Macedo



Os PCN's instituem uma educação em ciclos e um grupo de temas transversais para a estruturação curricular na Escola. Entre os temas transversais, no total de cinco, tivemos previsto a questão da pluralidade cultural e da orientação sexual como temas que precisariam ser abordados “costurados” aos conteúdos das disciplinas e áreas do saber no currículo escolar e na prática docente.

# QUAL A IMPORTÂNCIA DA POLÍTICA PÚBLICA DA EDUCAÇÃO PARA AS LUTAS DE RECONHECIMENTO E O PROBLEMA DA RECONHECIBILIDADE NA ESCOLA?

25

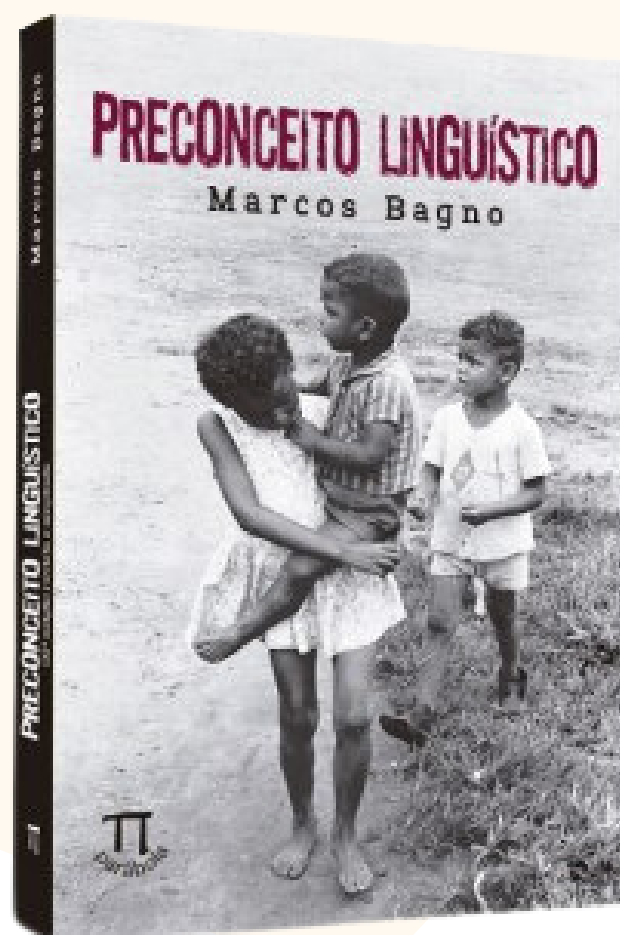
Como vimos desde Hegel até Honneth e Butler, o reconhecimento sobre as diferentes autenticidades das diferentes pessoas são a base do desenvolvimento da sociedade e perpassam as lutas políticas/culturais/identitárias para sua evolução, sempre em vista a um futuro mais democrático e que preze a pluralidade inerente a todos e todas nós nas nossas maneiras de ser e estar como sujeitos sociais. Na esfera do reconhecimento os PCN's implicaram a consolidação de uma política pública que pudesse considerar socialmente e cotidianamente as diferenças de gênero e de orientações sexuais na escola. Mais do que isso: que implicasse o pensamento sobre um currículo para reconhecimento dessas diferenças. Para aquela pessoa que na juventude desenvolve seu gênero e sua sexualidade diferente das demais heterossexuais e cisgêneras, isso representou um apoio institucional e legal para seu (auto) reconhecimento e para viver sua vida de forma plena e considerável.



## Sobre outras questões quanto ao reconhecimento...

### Questões relativas a linguagem inclusiva

O livro de Marcos Bagno, "Preconceito Linguístico: o que é, como se faz", de 1999, nos faz refletir como a língua portuguesa, principalmente no Brasil, é constantemente reinventada em termos de seus diversos usos recorrentes em termos de pluralidades cotidianas, regionais e locais. Há de se pensar os preconceitos e discriminações com que podemos ser agentes em termos de diferentes usos e instituições correntes da língua, diferente das formalidades gramaticais.





## *E as estratégias de manter uma linguagem inclusiva em termos de diferenças LGBTQIAPN+?*

O texto de Covas e Bergamini (2021), ver em <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/30768> nos faz refletir sobre a questão do gênero neutro no uso da linguagem. Há uma possibilidade entre outras tantas que nos fizesse respeitar e reconhecer as diferenças discentes nas nossas falas e escritas em sala de aula!

**Lembramos nosso colaborador Carlos e a manifestação do professor como candidato a atuar no supletivo Alternativa em Santa Maria-RS!**

Nosso colega nos fez refletir o quanto é importante se ter um professor ou uma professora que se importe em usar na linguagem recorrente por alguma estratégia que reconheça as diferenças de identidades de gênero presentes.

Há possibilidades de sermos agentes institucionais para o reconhecimento efetivo (lembrando Hegel sobre o “espírito efetivo” quando pensa reconhecimento) daquela/e jovem que está desenvolvendo sua sexualidade e identidade de gênero diferente da cisgeneridade heterossexualidade em que a língua formal as privilegia.



*Para  
reflexão* →

De acordo com o texto de Covas e Bergamini (2021) para sermos profissionais da educação que colaborem com as lutas por reconhecimento das pessoas LGBTQIAPN+, como poderemos usar de estratégias de linguagem para isso?

# Reconhecimento e representação

Participação de Bernardo



"Esse filme, por tratar de uma história de um menino trans, que passa por muita violência, aquelas cenas de violência me marcaram muito, e a partir de então eu tive uma virada de comportamento assim, que é, eu acho que inconscientemente eu pensei: 'eu não quero passar por isso', sabe, 'eu não POSSO passar por isso... vou reprimir sentimentos, vou reprimir minha expressão...'"

"então eu revi esse filme depois, já me entendido uma pessoa trans, em 2018 e foi outra quebra assim, outro rolê e reassisti esse filme que foi tão doloroso quanto ter assistido lá e aquilo me fez entender o quanto assistir esse filme reprim... assim ó, acho que atrasou o meu processo em muitos anos"

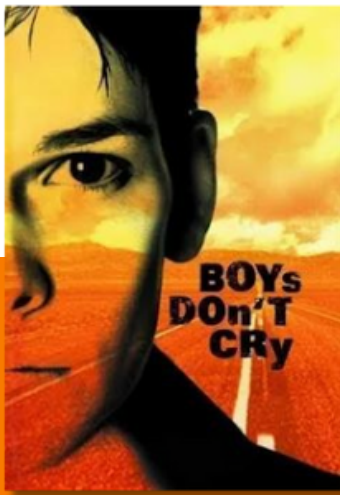


"as vezes se entendeu, chegou em casa e disse pra mãe e disse pro pai que é gay, que é lésbica, que é trans, 'meu deus, todas as violências que essa pessoa vai sofrer' o medo que nossa família tem que a gente sofra violência, e nem sempre é violento. Sabe, a sociedade vai ser violenta sim, mas estar nessa rede de apoio que não é violenta sabe, com os nossos amigos, entre os nossos amigos que não é violento."

Bernardo passou pela experiência dolorosa de só se enxergar representado negativamente em sua transmasculinidade quando adolescente.

Como o relato dele nos ajuda a entender o papel das representações positivas nas possibilidades de Reconhecimento?





“ é importante a gente contar nossas histórias de vitórias sabe, a gente tá vivo, a gente dá certo

Bernardo

O filme **Meninos Não Choram** é uma representação de um caso real de transfobia sofrida pelo jovem **Brandon Teena**, no interior do Nebraska, EUA, nos anos 90. Brandon tinha 21 anos quando foi violentamente assassinado por dois homens que eram seus “amigos” até descobrirem que ele era um homem trans.

Ao expressar sua identidade de gênero, a Brandon foi recusado reconhecimento afetivo, jurídico e social, sendo empurrado à margem da sociedade como um corpo passível de ser violentado.

Esse caso ganhou grande repercussão nacional nos EUA e internacional, sendo retratado em documentários e no cinema, por meio dos esforços do movimento gay nos EUA, que fez um luto público e tornou a história de Brandon um símbolo de denúncia contra o preconceito.

Bernardo faz referência ao impacto de assistir o filme “Meninos não choram” na sua expressão de gênero ao longo da adolescência e início da vida adulta.

Foi a primeira representação de transmasculinidade que Bernardo conheceu e, neste caso, a denúncia da violência proposta no filme foi entendida como uma promessa da sua realização por ele, que viu nessas cenas um prenúncio do que seria seu futuro caso assumisse a identidade de gênero com a qual se identificava.

Ele relata que o impacto dessa narrativa atrasou seu processo de expressão de gênero em muitos anos e o encaminhou para a dolorosa busca de se encaixar sob uma persona adepta da heteronormatividade nos círculos sociais que frequentava, como da família, da igreja e do futebol.



Brandon Teena (1972-1993) teve também sua história contada no documentário “The Brandon Teena Story”, saiba mais pelo QR Code.



# Como o conceito de *reconhecimento social* pode nos ajudar a entender o relato de Bernardo?

O relato de Bernardo remete à responsabilidade que envolve a questão das representações disponíveis às crianças e adolescentes, as possibilidades de existência que lhe são apresentadas. A ausência de visualizar pessoas transmasculinas com reconhecimento social, realizadas afetiva e profissionalmente, pode se apresentar para as crianças e adolescentes como apagamento da possibilidade de constituir uma vida feliz expressando sua identidade e expressão de gênero e/ou orientação sexual.

Em Bernardo, isso gerou uma busca por se encaixar na cisheteronormatividade e isso somado ao interdito de sua identidade/expressão criou uma tensão que gerou muito sofrimento para ele, experiência comum à parte da comunidade LGBTQIA+.

Como já vimos, o Reconhecimento, para Honneth, tem múltiplas dimensões: afetiva, social e jurídica. Podemos usar o conceito de Reconhecimento Social para entender a importância das representações sociais positivas para a constituição da identidade segura de uma criança ou adolescente.

Acessar representações sociais positivas de pessoas LGBTQIA+ desde a infância é bom para todo mundo: as pessoas LGBTQIA+ podem desenvolver sua expressão e identidade de forma segura e as pessoas heterocis aprenderão a conviverem e respeitarem as diferenças em todo seu processo de socialização.



João Nery, psicólogo especialista em gênero e sexualidade. Foi conhecido como primeiro homem trans a ser operado no Brasil em 1977, durante a ditadura militar.

## *Reconhecimento e o Ensino Básico* e por que a escola é um espaço importante para esse tipo de discussão

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que define um conjunto de aprendizagens essenciais para a Educação Básica, é pautada em competências gerais que incluem, para além da mobilização de conhecimentos, “habilidades (práticas cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores” (Brasil, 2018, p. 8). Tais competências gerais implicam “**conhecer-se, apreciar-se** e cuidar de sua saúde física e emocional, **compreendendo-se na diversidade humana**” e “exercitar empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e **promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais**, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza” (Brasil, 2018, p. 10).

Conhecer-se, apreciar-se e compreender-se na diversidade humana, implica a formação de uma visão positivada de si que começa na relação intersubjetiva com o outro (reconhecimento afetivo) mas também abrange o reconhecimento de seu modo de vida de forma mais ampla (reconhecimento social). Honneth (2009, p. 218) afirma que “a degradação valorativa de determinados padrões de auto-realização tem para seus portadores a consequência de eles não poderem se referir à condução de sua vida como a algo a que caberia um significado positivo no interior de uma coletividade.”

Ora, se a um grupo social, como as pessoas LGBTQIAPN+ é atribuído somente valores sociais negativos, isso dificulta esse processo de apreciar-se na diversidade humana. Ou ainda de forma mais perversa, pode impedir o próprio “conhecer-se” como aconteceu no caso de Bernardo, que viveu anos em sofrimento buscando descolar sua identidade das representações de violência ligadas à experiência transmasculina que teve acesso quando criança. atribuído somente valores sociais negativos, isso dificulta esse processo de apreciar-se na diversidade humana. Ou ainda de forma mais perversa, pode impedir o próprio “conhecer-se” como aconteceu no caso de Bernardo, que viveu anos em sofrimento buscando descolar sua identidade das representações de violência ligadas à experiência transmasculina que teve acesso quando criança.





## Reificação

O sociólogo **Frédéric Vandenberghe** analisa os diferentes usos do conceito de Reificação na teoria social, por um lado, pela descrição e crítica das formas de desumanização nas sociedades capitalistas modernas, por outro, se refere aos conceitos como entidades sociais dotadas de agência por si, invisibilizando a rede complexa de relações humanas que as compõe.

Em ambos os casos, a reificação tem consequências práticas: a naturalização de um sistema social, que pode paralisar a ação de transformação e contribuir para a manutenção das opressões. **Ao tratar de conceitos do mundo social precisamos lembrar que essas palavras têm características únicas: podem reforçar a existência das coisas que descrevem, sobretudo quando são ditas a partir de uma posição de poder.**

No caso de Bernardo, as representações das pessoas LGBTQIA+ que ele tinha acesso eram negativas e ligadas à violência, como motivo de chacota (violência simbólica) no ambiente familiar, do futebol, da igreja e da escola, mas até mesmo de um filme que se propunha a denunciar essa violência.





Outro exemplo de situação semelhante é a confusão com os resultados do levantamento de mortes violentas de mulheres trans e travestis no Brasil, a partir das notícias veiculadas em jornais, que apontou 35 anos como *a média de idade das vítimas* desses crimes.

Essa pesquisa é fruto do excelente trabalho de Bruna Benevides e Sayonara Nogueira, que sistematizam e analisam os *dados* com o objetivo de visibilizar essas pessoas e suas histórias, assim como para subsidiar políticas públicas de enfrentamento à transfobia. Ao elaborar o levantamento desses dados, elas fundamentam a denúncia da violência contra as mulheres trans e travestis e nos mostram como essa população, infelizmente, ainda é alvo de vulnerabilidade social e a importância da luta coletiva contra a transfobia.

No entanto, houve uma apropriação pública distorcida desses resultados, que foram entendidos como se fossem *a expectativa de vida* de mulheres trans e travestis no Brasil, causando grande sofrimento para pessoas que passaram a vislumbrar a passagem da idade com angústia. Vale lembrar que os dados da expectativa de vida de pessoas trans no Brasil não são coletados.



Sayonara Nogueira é professora, pesquisadora, especialista em coordenação pedagógica e travesti. Possui uma ampla atuação em instituições públicas e privadas; é presidenta do Instituto Brasileiro Trans de Educação e do Conselho Popular LGBTQIAPN+ de Uberlândia. de Uberlândia.

Acesse o Observatório Trans, administrado pela professora Sayonara Nogueira. O site conta com diversos dossiês da Rede Trans Brasil.



## Você conhece a Antra?

A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), se define em seu site como uma rede nacional que articula que ações para promoção da cidadania da população de Travestis e Transexuais.



A ANTRA foi criada em 1992 com o objetivo de implementar uma estratégia nacional para pleitear as demandas e propostas da população de Travestis e Trans brasileiras.

### *Principais eixos de atuação da Antra:*

**1**

Promover campanhas informativas e apresentar proposta a fim de visibilizar positivamente a população de Travestis e Transexuais;

**2**

Colaborar em todos os níveis com outras redes, que trabalham com saúde, educação, segurança pública e direitos humanos a fim de desenvolvermos trabalhos conjuntos, intercambiando experiências nas áreas de atuação de cada uma;

**3**

Denunciar e promover a divulgação, em todos os meios de comunicação possíveis, de qualquer caso onde for detectado preconceito e ou discriminação por identidade de gênero e orientação sexual;

**4**

Apoiar toda e qualquer ação de prevenção do HIV/Aids, hepatites virais e outras IST em todos os seus aspectos e âmbitos;

**5**

Apoiar as ações que visem à melhora da qualidade de vida das pessoas, travestis, mulheres transexuais e homens Trans vivendo e convivendo com HIV/Aids;

**6**

Incentivar e apoiar a realização de encontros, seminários, congressos de Travestis e Transexuais para definir as bandeiras de lutas e encaminhar as demandas de suas afiliadas.

É importante que os docentes se atentem à importância de trazer exemplos de que é sim possível viver realizada através de diferentes possibilidades de expressão e modos de vida. Ao procurar sensibilizar os alunos quanto às situações de violência e opressão, é preciso ter cuidado para não o fazer de forma essencialista, naturalizando e reificando a violência contra um determinado grupo.

35

## *Para reflexão*



A naturalização e reificação das violências pelas representações sociais negativas pode ocorrer com variados tipos de opressões à diferentes grupos sociais. Em resposta para isso, diversas pessoas e movimentos sociais articulados em torno das lutas de reconhecimento, demandam a ampliação da representatividade, que pode ser definido como a ampliação de representações positivas desses grupos, na realidade e na ficção.

Através do conceito de Reconhecimento, podemos entender que as representações positivas são somente uma das dimensões necessárias para a realização efetiva do reconhecimento das diferenças numa sociedade e que precisam ser articuladas à conquista de direitos e possibilidades de vínculos seguros na família, escola e outros espaços.



# Você conhece o conceito de Imagens de Controle?



A socióloga **Patricia Hill Collins**, expoente do pensamento feminista negro contemporâneo, elaborou o conceito de Imagens de Controle para se referir a imagens estereotipadas que compõe parte da ideologia para manter a dominação.

Em seu livro “Pensamento Feminista Negro”, Hill Collins relaciona a construção dessas imagens de controle com um processo de objetificação dos grupos subordinados, partir da experiência das mulheres negras nos Estados Unidos e os estereótipos atribuídos a elas nesse contexto. Em contrapartida, essa tentativa de objetificação gera a resistência desses grupos.

Esse conceito nos ajuda a compreender como os estereótipos negativos tem um papel na manutenção das opressões e o quanto é importante apresentar múltiplas possibilidades de existir para os discentes, para que isso amplie seus horizontes e se tornem parte de uma sociedade mais respeitosa e compreensiva das diferenças. É importante destacar que, para Hill Collins, o poder de desconstruir as imagens de controle está no **exercício da autodefinição**.



## Dica de leitura

Em **Imagens de Controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**, a pesquisadora e ativista antirracista **Winnie Bueno** se debruça sobre esse conceito e visibiliza essa forma da violência simbólica, bem como as estratégias de resistência de mulheres negras para o enfrentamento dos lugares estigmatizados.





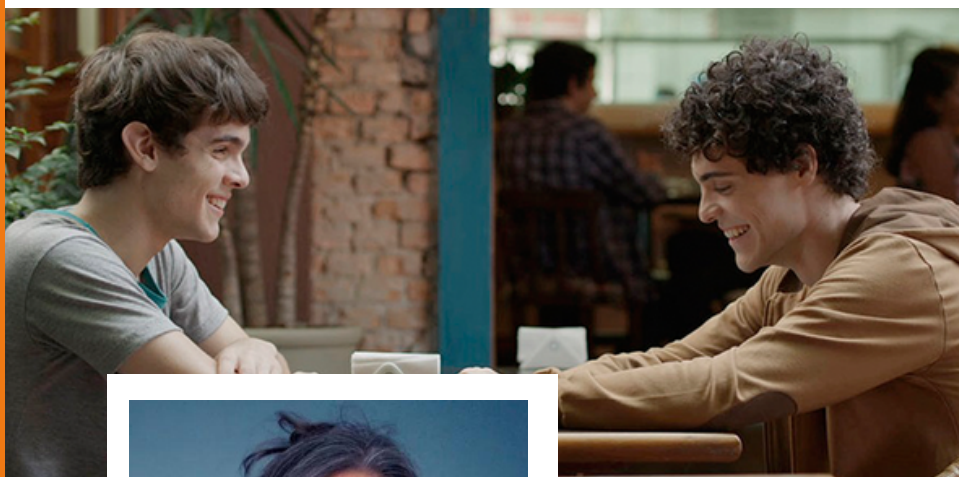
# Algumas representações positivas possíveis para uso como recurso didático



“**Nimona**” é uma animação baseada na revista em quadrinhos homônima fr N. D. Stevenson, lançada na Netflix.

O filme é aborda temas como diferença e preconceito de maneira lúdica no decorrer da improvável amizade entre o cavaleiro Ballister e a transmorfa Nimona.

“**Hoje eu quero voltar sozinho**” é um filme, dirigido por Daniel Ribeiro, que retrata com sutileza a descoberta do primeiro amor por parte de Leonardo, um adolescente gay e deficiente visual, enquanto busca autonomia da super proteção de sua mãe. Os mesmos personagens já apareceram no curta “Não quero voltar sozinho”, do mesmo diretor.



A cartunista e chargista Laerte Coutinho é uma referência na arte nacional. Ela se identificou publicamente enquanto uma mulher trans aos 58 anos de idade. Ela compartilhou esse processo no documentário “**Laerte-se**”, produzido para Netflix.



O filme “**Marte 1**”, dirigido por Gabriel Martins, conta a histórias de várias situações que distanciam mais também aproximam a família Martins, numa periferia mineira.

Dentre as narrativas, está a de Eunice, filha mais velha que se apaixona por uma mulher. O desenvolvimento dessa relação e percurso até a aceitação de sua sexualidade por seus pais é mostrado de forma muito sensível.

Algumas cenas poderiam ser recortadas como exemplo da importância do reconhecimento afetivo e também uma referência de representação de vivência LGBTQIA+ no contexto familiar.

# PROMOVENDO RECONHECIMENTO em sala de aula

O professor e pesquisador **Carlos Gayer**, em uma exposição feita na 2ª edição do projeto Diversidade na Escola - UFSM, afirmou que o reconhecimento LGBTQIA+ pode ser promovido de várias maneiras em sala de aula; em momentos específicos de discussão temática, mas também de forma cotidiana, integrando como parte das contextualizações das questões de diferentes matérias.

Ele chamou atenção para a necessidade de **práticas pedagógicas proativas**, que não esperem situações problemáticas acontecerem para promover uma educação atenta às diversidades

A seguir, destacamos algumas das sugestões práticas e recursos didáticos que ele propôs para as professoras e professores durante esse encontro, assim como algumas sugestões nossas.

## Dica de leitura



Em **Pedagogia das Travestilidades**, a educadora Maria Clara Araújo dos Passos apresenta saberes construídos por mulheres trans e travestis, assim como diferentes perspectivas pedagógicas criadas a partir desses saberes.

## Sugestões para toda a escola

Questionar-se se:

- Sua escola tem cartazes questionadores sobre discriminação/opressão?
- Sua escola é fisicamente acessível/adaptada a diferentes tipos de pessoas e corpos?
- Seus materiais didáticos e de pesquisa, incluem pessoas negras, LGBTQs e deficientes?
- Sua escola promove o respeito à diversidade enquanto princípio?
- Celebra datas dos movimentos sociais?
- O dia da família é pensado para todos os tipos ou apenas pais e mães tradicionais?

## Sugestões práticas

### *Na educação infantil*

- Priorizar brincadeiras que possam ser usufruídas tanto por meninos quanto meninas;
- Organizar trabalhos em grupos mistos;
- Incluir livros que abordem delicadamente temáticas fora do padrão construído.
- Incentivar a criatividade, a inteligência emocional e o trabalho manual tanto em meninos quanto em meninas (momentos/minuto do desabafo – falado ou desenhado)



“Coisa de Menina ou Coisa de Menino?”, “Maya - bebê arco-íris”, “O patinho feio” e “O meu pé de laranja lima” são alguns dos livros sugeridos como recursos didáticos para a educação infantil.



O professor e pesquisador **Carlos Gayer**, é doutor em geografia pelo PPG da UFRGS, com a tese “GEOGRAFIAS QUEER & CURRÍCULO: Por Uma Educação Geográfica Fora do Armário!”. Ele atua também como professor de Geografia efetivo da rede municipal de Bagé/RS



## Sugestões práticas

### *Nas linguagens*

- Usar textos reflexivos de escritores e artistas negros, LGBTQIA+ e pessoas com deficiência;
- Leitura de livros temáticos;
- Usar obras de arte fomentadoras de reflexão como recurso didático;
- Promoção de atividades educativas mistas na educação física;



“Cartas para minha avó”, “A garota Dinamarquesa”, “O conto da aia”, “Conectadas” e “Quarto de Despejo” são alguns dos títulos ou autoras sugeridos como recurso didático para as linguagens.



## Sugestões

### *Nas ciências da natureza*

- O professor Carlos Gayer nos mostra que a BNCC aponta habilidades e competências a serem desenvolvidas e objetos de conhecimento no ensino de Ciências que abrem caminhos para tratar do respeito às diversidades. Por exemplo, no ensino sobre o corpo humano, mecanismos reprodutivos e sexualidade;
- Outro aspecto que consideramos importante é trazer exemplos em aula de minoriais sociais atuantes nas ciências da natureza, para que discentes se sintam capazes de se tornar cientistas, se assim desejarem;
- Aqui vão algumas indicações nossas de materiais pedagógicos **para professoras e professores** sobre gênero e sexualidade e as ciências da natureza:



**Gênero na BNCC de ciências da natureza: buscando brechas para outros currículos.** Por Leite, L. C., Castro, R. P. de., & Ferrari, A. (2021)

Assista no QR code o vídeo de apresentação da pesquisa de Isabelle Kuehlewein chamada “**Um estudo sobre Gênero e Sexualidade no Ensino de Química**”, no repositório da UFSC.



Assista a defesa da tese de Hugo dos Reis Detoni, chamada **Pesquisas sobre gênero e sexualidade no ensino da Física.**



## Sugestões práticas

### *Na matemática*

- Incluir a temática ao trabalhar problemas, conjuntos, porcentagens, etc.
- Enunciados abordando situações, identidades e temáticas.  
Ex: “Se uma menina tem 5 carrinhos e 5 bonecas, e deu 1 de cada para seus 3 amigos, quantos sobram?”
- Uso de representações e gráficos (sobre violência doméstica, feminicídio, evasão de estudantes trans, etc)

42

### *Você sabia?*

Existe um Grupo de Pesquisa e Extensão em Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática sediado na UFRJ? De acordo com o site, seu objetivo é “promover reflexões sobre por que discutir gêneros e sexualidades é importante para a área de educação matemática e como professores dessa disciplina podem contribuir com essas discussões sem se limitarem às visões hegemônicas.”



*Saiba mais!*

## Sugestões de atividades

### *Nas Ciências Humanas*

Em função da afinidade dos objetivos de aprendizagem que a BNCC define para as Humanidades em relação a promoção de reconhecimento para as minorias sociais, incluindo as pessoas LGBTQIA+, as disciplinas que compõe essa área possuem “a faca e o queijo na mão” para promover esse tipo de atividade.

A seguir indicaremos as sugestões do professor Carlos Gayer para História e Geografia, seguidas de nossas sugestões de atividades para Sociologia e Filosofia.

43

#### *História*

- Visibilizar as mulheres na história;
- Abordar o trabalho doméstico e fabril, relação entre o trabalho das mulheres, revolução industrial e capitalismo;
- Discussões sobre perseguição de grupos étnicos/sociais.



#### *Geografia*

- Atividades que questionem a divisão de gênero do trabalho no Campo;
- Questões: êxodo rural feminino, masculinização e envelhecimento no Campo;
- Pirâmides etárias/sexuais: por que mulheres vivem mais?
- Políticas de controle de natalidade e corpo feminino;
- Movimentos migratórios atuais;
- Mapas temáticos/Cartografia Social;
- Questões: Por que a pobreza no Brasil é majoritariamente feminina? Por que homens ocupam mais o espaço público e as mulheres, o privado?

## Sugestões de atividades

### *Nas Ciências Humanas*

#### *Sociologia*

- Ao apresentar o cânone da sociologia, relembrar o pioneirismo de Harriet Martineau nos estudos sociais da vida doméstica, das questões de gênero e raciais;
- Promover atividades pedagógicas sobre o conceito de gênero e racismo: fóruns, simpósios, mapas mentais, etc.;
- Visibilizar as diferenças na inserção e atuação das mulheres e pessoas racializadas no mundo do trabalho;
- Apresentar o conceito de violência simbólica;



#### *Filosofia*

- Problematicar as condições sociais que proporcionavam a dedicação ao pensamento filosófico na filosofia clássica;
- Trabalhar as contribuições de mulheres filósofas;
- Introduzir o conceito de Reconhecimento de Honneth, relacionando com os conteúdos de História e Sociologia;

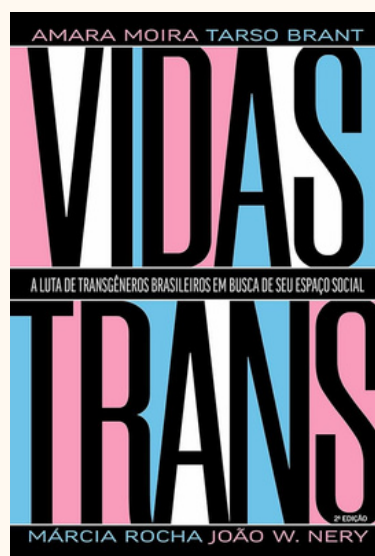


# Para conhecer mais

60%

dos estudantes LGBTQIA+ no Brasil sentem algum nível de insegurança na escola\*

**Vidas Trans: a luta de transgêneros brasileiros em busca de seu espaço social.**



O livro é uma coletânea de relatos pessoais de quatro pessoas trans brasileiras que compartilham suas histórias, vulnerabilidades e superações

VOCÊ SABIA?



A ABGLT é responsável pelo Observatório Brasileiro LGBTQI+ Janaína Dutra, além de possuir um amplo acervo documental público. É uma excelente fonte de informações confiáveis sobre as pessoas LGBTQIA+ no Brasil.



“Permita que eu fale, não às minhas cicatrizes

Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes

É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir”

• **EMICIDA**





# CORPO DE MOVIMENTO



Ney Matogrosso; Thayane

“Antes de eu falar o meu corpo já falava”

-Ney Matogrosso-

“Claro que houve uma identificação, e com certeza ela sofria também preconceito”

-Ney Matogrosso-

“Então, a minha adolescência, vamos dizer assim, foi muito marcada por uma reflexão do meu corpo, por ser um corpo de movimentos.”

-Ney Matogrosso-

“E aí também me apaixonei pelo colega de aula.

Inclusive eu precisei sair da escola por causa dele, me apaixonei demais”

-Cilene-



46

Com base nos relatos, exploramos a teoria de Michel Foucault, a qual concebe uma perspectiva para a compreensão do corpo. Foucault sustenta que o corpo transcende sua natureza biológica, sendo moldado e regulado igualmente por instituições sociais e práticas culturais. Nas falas de Thayane e Ney Matogrosso percebemos que antes de se reconhecerem as outras pessoas já marcavam socialmente seus corpos de formas pejorativas.

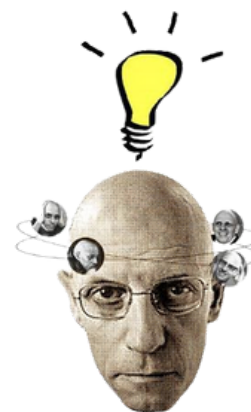
## ESSAS SITUAÇÕES SÃO CONSEQUÊNCIAS DO BIPODER!!!



E o biopoder, conforme Foucault (1988) se refere ao controle e regulamentação exercidos pelas instituições governamentais sobre os corpos dos cidadãos, no que perpassa também os cuidados de saúde, controle de natalidade e políticas de saúde pública. Ainda assim, debate a disciplina como uma forma de controle, que as instituições, como escolas, prisões e hospitais, exercem disciplina sobre os corpos das pessoas, moldando seus comportamentos e identidades. Logo, nessa ideia também aborda como as sociedades constroem normas e categorias em torno do corpo, incluindo noções de normalidade e “anormalidade”.

# Eai, vamos conversar mais com MICHEL FOUCAULT ?

*biopoder, sexualidade e corpos*



O livro "História da Sexualidade: O Cuidado de Si," de Michel Foucault, é o terceiro volume de sua série "História da Sexualidade" e trata de temas relacionados à sexualidade, ao poder e à autoridade, explorando como as sociedades ocidentais lidaram com a sexualidade ao longo da história. Embora o livro não aborde diretamente o conceito de biopoder, pode ser interpretado à luz desse conceito, pois Foucault estava interessado na interseção entre poder, controle social e a gestão da vida e do corpo dos indivíduos.

Veja o que Foucault discute sobre es cola nessa entrevista



sobre o qr code

Filósofo, historiador das ideias, escritor e teórico social francês, suas ideias tiveram um impacto significativo em diversas áreas, incluindo filosofia política, psicologia e sociologia.

Foucault argumenta que as sociedades ocidentais desenvolveram estratégias de controle da sexualidade ao longo do tempo. Isso inclui a regulação das práticas sexuais, a imposição de normas de conduta sexual e a patologização de certos comportamentos. Essas estratégias podem ser vistas como exemplos de biopoder, uma vez que as instituições sociais, incluindo a religião e a medicina, exercem controle sobre a vida das pessoas por meio da regulamentação da sexualidade. Para Foucault (1988), as instituições, como a escola, desempenham um papel na imposição das normas sociais, podendo ser um ambiente de discriminação. Por outro lado, a crítica do autor nos leva a repensar as relações escolares visando uma prática educacional que questione as normas e reconheça a autenticidade das pessoas.

# CORPOS

## Violências

“Então, a minha adolescência, vamos dizer assim, foi muito marcada por uma reflexão do meu corpo, por ser um corpo de movimentos.”

-Ney Matogrosso-

O conhecimento/representação social sobre o corpo é uma ferramenta do biopoder, uma vez que a definição de "normal" e "patológico" é usada como controle. Os corpos tornam-se campos de batalha no exercício do poder e na constituição sobre seus significados. Isso os tornam possíveis ou não possíveis em termos de suas identidades de gênero e de orientações sexuais. Nessa perspectiva, o corpo pode ser um lugar de resistência e os indivíduos rearticulam e desafiam o sistema de normas, reivindicando suas diferenças. Desde quando nos entendemos enquanto sujeitos, performamos padrões/normas esperadas. Há uma metáfora que conversa com o que foi discutido até agora, ela apresenta o “**armário**” como aquilo que é social e esperado.

**E por que o “armário”?** A autora, Judith Butler (2010) explora que ali estão também nossas “roupas” genereficadas. O termo é usado para se referir à ideia de que as pessoas muitas vezes sentem a pressão de se encaixar em categorias (armário) convencionais de gênero e sexualidade, escondendo certos aspectos de si mesmas para se conformarem às expectativas sociais. E nesse armário simbólico as pessoas podem sentir a necessidade de esconder ou suprimir partes de sua identidade. Por outro lado, ao nos depararmos com o o que o armário nos restringe, podemos transgredi-lo, no sentido de combinar diferentes peças contidas nele e, assim, refazer a norma binária e cisgênera que ele representa como componente social. Ao mesmo tempo o armário poderia ser superado como pessoas autênticas que podemos ser.

SARA SALIH NOS AJUDA A ENTENDER UM POUCO MELHOR AS IDEÍAS DE BUTLER. PARA SABER MAIS ACESSE O QR-CDE



Os Corpos em Movimento são capazes de incorporar as influências do poder e explorar as potenciais formas de resistência. Isso proporciona uma compreensão mais abrangente das dinâmicas sociais que moldam nossa maneira de nos movimentar e expressar fisicamente.



# ATO DE RESISTÊNCIA

Ney Matogrosso; Thayane

Até agora, discutimos com Foucault, mas agora o que achas de acrescentarmos nesse diálogo Judith Butler, filósofa e teórica de gênero conhecida por suas contribuições à teoria queer e à teoria performativa. Em seu trabalho, ela explora as complexidades da identidade de gênero, bem como a noção de resistência por meio da performatividade, também escreveu sobre questões de poder, linguagem e subjetividade, explorando como o discurso e a linguagem desempenham um papel fundamental na construção de identidades e na manutenção das normas sociais. Butler também aborda questões de resistência política em seu trabalho, argumentando que atos performativos de resistência podem desafiar normas sociais e políticas opressivas. Sua teoria influenciou o ativismo LGBTQIA+ e os estudos de gênero, e suas ideias continuam a ser debatidas e discutidas. Com isso, podemos perceber os reflexos de seus estudos em nossos achados, como podemos ver nos relatos abaixo

“ENTÃO ESSA É A NOSSA LUTA DIÁRIA”

-THAYANE-

“FAZENDO CHACOTA, OLHA OS TRAVESTIS, OS TRAVESTIS, VÁRIOS TRAVESTIDOS.”

-THAYANE-

Sendo assim, percebemos a escola um lugar potente para acolhimento desses atos de resistência, que incluem existir fora das normas.



## PERFORMATIVIDADE

Dizem que todo ato é político, e concordo, na ideia de debate que proponho destaque, o quão político é re(existir) em uma sociedade heteronormativa que marginaliza corpos que fogem à norma estabelecida e tão performada. Judith Butler (2010), argumenta que o gênero não é algo que as pessoas "são", mas sim algo que elas "fazem", entendendo com a leitura de suas obras que a subversão das normas de gênero são também um ato político para existir.



## *Vamos falar sobre a performatividade de Butler e a escola?*

A teoria da performatividade aborda a ideia de que a identidade de gênero e outras formas de identidade são construídas por meio de atos repetidos e rituais sociais. No contexto escolar, isso implica que as normas de gênero e outras categorias identitárias não são inatas, mas são produzidas e reproduzidas por meio das interações diárias e das práticas institucionais.

Na escola, a aplicação da teoria da performatividade pode levar a uma maior conscientização sobre como as normas de gênero e identidade são reforçadas ou desafiadas no ambiente educacional. Pode também destacar a importância de criar espaços inclusivos e acolhedores para todos os estudantes

### *Vamos falar sobre (A) travesti?*

É uma identidade de gênero associada a pessoas que foram designadas como masculinas ao nascer, mas que se identificam e expressam sua identidade de gênero de forma feminina, transcendendo a norma. É importante notar que (A) travesti tem significados culturais e sociais específicos no contexto da América Latina. É importante notar que as experiências das travestis são diversas, e cada indivíduo pode ter uma abordagem única em relação à sua identidade de gênero e expressão. Nos achados de nossa pesquisa é notável pelas falas de Thayane o preconceito e discriminação sofrida.

**Você gosta de podcasts?**

Sugerimos o “Transverso” que em vários episódios destaca o que estamos debatendo



Além disso, a teoria da performatividade também destaca a agência dos indivíduos na construção de suas próprias identidades. Isso pode encorajar uma abordagem mais reflexiva e crítica por parte dos educadores e alunos em relação às normas culturais dominantes.

Portanto, a teoria da performatividade de Judith Butler pode ser uma lente útil para analisar e transformar as dinâmicas de gênero e identidade na escola, promovendo uma educação mais inclusiva e sensível às diversas experiências dos alunos.



# Espacialidades e a escola?

A espacialidade na escola" engloba a dimensão espacial dentro do ambiente educacional, abrangendo a organização, distribuição e interações de elementos no espaço escolar, incluindo aspectos físicos, sociais e simbólicos. A compreensão desse conceito é crucial para a criação de ambientes educacionais mais eficazes, inclusivos e adaptados às necessidades de aprendizagem dos alunos.

A organização do espaço desempenha um papel fundamental na qualidade da experiência educacional, influenciando diretamente as dinâmicas sociais, o clima escolar e a acessibilidade. Ao reconhecer a importância da espacialidade escolar, os educadores e planejadores podem promover ambientes que propiciem um aprendizado mais enriquecedor e estimulante.

E essa compreensão ganha ainda mais relevância quando consideramos a necessidade de os professores acolherem alunos LGBTQIAPN+. A espacialidade não se limita apenas à disposição física dos ambientes, mas também engloba a atmosfera emocional e social dentro da escola. Em um contexto onde a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero são partes integrantes da comunidade estudantil, a espacialidade assume um papel vital na promoção de um ambiente acolhedor.



**labEU**

Laboratório de  
Espacialidades Urbanas

## Vamos conversar mais um pouco?

### O QUE (EU) PROFESSORA(O) POSSO FAZER?

O papel de vocês é crucial na criação de espaços que não apenas reconhecem, mas celebram a diversidade, garantindo que os estudantes sintam-se seguros, respeitados e incluídos. A espacialidade escolar, neste sentido, deve ser projetada e gerenciada de maneira a combater o preconceito, a discriminação e a violência, proporcionando um ambiente onde as identidades diversas sejam reconhecidas e valorizadas.

Além disso, a organização do espaço escolar pode influenciar diretamente a sensação de pertencimento dos estudantes LGBTs. Nessa perspectiva cita-se os emblemáticos banheiros, há uma cena da série brasileira “Segunda Chamada” que retrata isso, a personagem de Linn da Quebrada é agredida no banheiro masculino, pois negaram a ela o direito de usar o banheiro feminino.

A cena forte retrata a realidade de muitas. Mas é importante destacar que algumas escolas estão buscando a inclusão desses alunos, como é o caso do Colégio Politécnico (UFSM), que possui o banheiro inclusivo da instituição, no primeiro andar do bloco E. O espaço é individual e foi inaugurado com o intuito de ser utilizado por todos, todas e todes, para que, independente da identidade de gênero, as pessoas se sintam incluídas e respeitadas no ambiente em que circulam.

“Como amar, como amar  
Ninguém vai poder querer nos dizer como  
amar  
Como amar, como amar  
Ninguém vai poder querer nos dizer como  
amar...”

CANÇÃO DE JOHNNY HOOKER (PART. LINIKER)



# Negritude e Sexualidade

Participação de Leonardo



“[...] Tenho pensado como a gente pode descontinuar a Educação a partir de gênero e sexualidade. E aí fazendo um resgate de memória né?! E a primeira coisa que me vem à cabeça é que hoje eu não consigo pensar eu enquanto gay sem pensar antes eu enquanto uma **pessoa preta** [...]”

53

O relato em destaque foi dito pelo participante Leonardo.

Uma das possibilidades de interpretação se dá pela chave conceitual **interseccionalidade**, elaborada pela jurista negra estadunidense Kimberlé Crenshaw (1989) e demais intelectuais feministas negras.

Com a **interseccionalidade** é possível identificar os eixos de opressão que uma mulher negra está condicionada. Ou seja, uma mulher negra não sofre opressão apenas por sua identidade de gênero feminina, mas, e principalmente, por sua raça, bem como sua classe social, sua sexualidade, religião, etc. A saber, homens negros também estão suscetíveis a tais opressões, ainda que em menor grau se comparado às mulheres negras.



# *E como identificar uma violência interseccional na prática?*

## *No cotidiano escolar?*

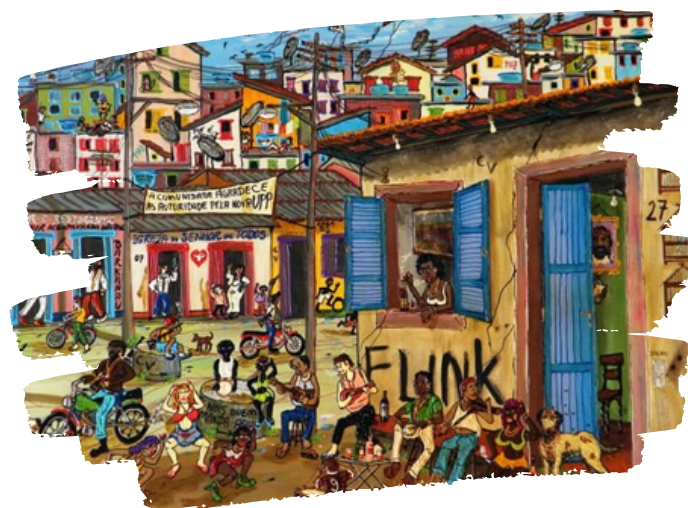
## **Vejamos alguns exemplos:**



Kimberlé Crenshaw (1959-) é uma pesquisadora e jurista estadunidense.

Dentre as suas contribuições para os estudos feministas, destaca-se o conceito de **Interseccionalidade**.

Um jovem e/ou homem negro homossexual que mora na periferia de sua cidade não está sujeito apenas a sofrer somente racismo e homofobia. As condições materiais do seu cotidiano, que são efeitos das desigualdades socioespaciais e de renda, lhes condiciona a experienciar o **racismo/preconceito geográfico**.



Fonte: Google Imagens



# Mais sobre o preconceito geográfico



**Texto:** "Atravessando a pele preta  
experiência de preconceito geográfico ao habitar paisagens do medo"  
**Autoria:** Douglas Vitto e Jeani Moura

[...] O preconceito geográfico baseia-se em marcar alguém por pertencer ou dividir um território, espaço, lugar, vila, cidade, província, estado, região, nação, país, continente, considerado inferior, menos civilizado, inóspito, e habitado por pessoas cruéis, feias e ignorantes [...] O preconceito racial atravessa o preconceito geográfico, se encontram, mas não são iguais. O racismo baseado na cor preta para estigmatizar, inferiorizar, deixar na mira dos crimes de homicídio e excluir da vida política, mercado de trabalho e ambientes educacionais (VITTO; MOURA, 2021, p. 557).

## DADOS ALARMANTES!

- O **Atlas da Violência** publicado em 2020 revelou que no intervalo de 2008 a 2018 houve um aumento de 13,3% na taxa de **jovens negros(as)** mortos, que passou de 53,3 homicídios a cada 100 mil jovens para 60,4.
- De acordo com a fonte, **homicídios** foram a principal causa dos óbitos da juventude masculina, representando 55,6% das mortes de jovens entre 15 e 19 anos; 52,3% entre o grupo com faixa etária de 20 a 24 anos; e 43,7% daqueles com idade entre 25 e 29 anos.

Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/atlas-da-violencia-assassinatos-de-negros-crescem-115-em-10-anos>.

Acesso em: 14 nov. 2023.



Fonte: Google Imagens



## Mais outro exemplo de violência interseccional:

Caso um jovem e/ou homem negro homossexual seja integrante de uma comunidade quilombola e partilha de um vocabulário diferente da norma “cult”, além do racismo, da homofobia, poderá sofrer violências como o **racismo linguístico**, sendo este derivado do **epistemicídio** e do **linguicídio** fomentados no período da colonização. Neste contexto, o português foi instituído como língua oficial do Brasil e imposto para os povos originários e africanos. Tal imposição não foi de todo aceita e sofreu modificações por parte, principalmente, dos(as) africanos(as). A saber, na Escola, por exemplo, a Língua Portuguesa se tornou componente curricular obrigatório.



Lélia Gonzalez (1935-1994) nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. Foi uma intelectual e ativista do movimento feminista negro. Dentre as contribuições legadas pela pesquisadora, destaca-se o conceito de **Amefricanidade** e **Pretuguês**.



## Pretuguês

[pre-to-guês] substantivo

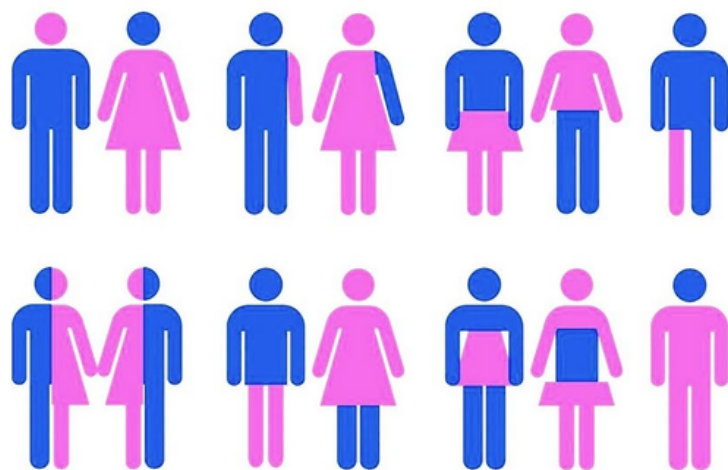
Conceito cunhado por Lélia Gonzalez: “nada mais é do que marca de africanização no português falado no Brasil” e que aponta “para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo”

# EXISTE UM JEITO CERTO DE SER HOMEM?

*"[...] A primeira coisa que me vem a mente é que lá em Salvador, não sei se aqui também tem, tem um ditado que diz "Além de preto, é viado". Eu ouvi isso desde que me entendo por gente, pois eu sempre fui uma bichinha que não expressava uma **masculinidade aceitável** [...]" (Leonardo, 2023).*

Quando Leonardo nos conta que enquanto criança ele não expressava uma masculinidade aceitável, podemos compreender que sua masculinidade era invalidada por não cumprir os requisitos e/ou códigos de condutas de gênero ("ser homem", "ser mulher") estabelecidos antes mesmo dele nascer.

Ademais, tal enunciado vai de encontro com os pressupostos do conceito de **masculinidade hegemônica** elaborado pela pesquisadora australiana Connell.



[...] A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).



Raewyn Connell (1944-) é uma mulher transgênero australiana, socióloga e ativista LGBTIA+.

O foco de suas pesquisas é justamente as masculinidades; de que forma as políticas e/ou regimes culturais, econômicos valorizam, significam e hierarquizam as experiências masculinas.

Sua obra mais famosa leva nome do conceito elaborado pela mesma, a saber, "Masculinidade Hegemônica" (1993).

# TRABALHANDO MASCULINIDADES A PARTIR DE CHARGES:

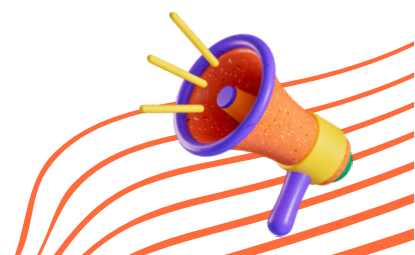


Fonte: Mídia Queer/Tumblr

Autora: Luci

58

No primeiro quadrante da charge podemos observar um desenho que representa um homem, uma vez que notamos a presença de pelos no seu corpo (axilas e pernas) e também a presença de barba no rosto. A cor da personagem deixa ver também que se trata de um homem negro. Por fim, a personagem está usando um vestido de cor roxa e um par de saltos vermelhos nos pés. No segundo quadro, temos a presença de outra personagem que também representa um corpo masculino e está vestido com uma farda de policial, uma vez que na camisa amarela está destacado **“Polícia de Gênero”**. Esta personagem estabelece um diálogo com a primeira personagem “Você não pode usar isso”. Tal enunciado faz referência a **generificação das roupas e acessórios** amplamente “aceito” na nossa sociedade, ou seja, o esperado é que corpos masculinos vistam “roupas de homens” e usem “calçados de homem”. No terceiro e último quadro da charge, vemos a primeira personagem algemada pela personagem que representa a polícia de gênero. Tal situação simboliza as constantes repressões e violências que os(as) sujeitos(as) que transgridem as normas de gênero estão condicionados a sofrer. Finalmente, podemos interpretar a “polícia de gênero” como as **instituições sociais que são como “polícias”** na vida de cada sujeito(a) como a família, a igreja, a mídia e, claro, a escola.



# MENINOS NÃO DANÇAM?

*"[...] até porque eu fui da época do "É o Tchan!". Então eu nasci no início dos anos 1990 e lá em 1996 com a geração "É o tchan" eu já era uma **criança viada**. Tava comentando ontem com o meu orientador sobre a ideia do encontro de hoje e eu lembrei que quando criança a Carla Perez era o auge da **dança** e tinha uns conjuntos de **figurinos** da **Carla Perez**. Eu pegava os conjuntos de minhas primas e usava, não em casa, na rua. Então, com 6, 7 anos eu já usava shorts curtíssimos com a blusa amarrada aqui [gesticula apontando no quadril] e uma camisa na cabeça [...]"*

A **mídia** e a **cultura pop** são tributárias na reprodução de masculinidades hegemônicas bem como as feminilidades. Assim sendo, podem contribuir para propagação de estereótipos de gênero e sexualidades.

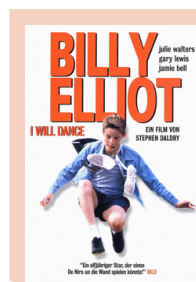
Símbolos, desenhos animados, filmes, programas de TV, artistas e etc. são transformados em referenciais que moldam a psique do sujeito que entra em contato com tais representações e é profundamente afetado(a) por elas a ponto de desejarem parecerem igual ou o mais próximo que conseguirem ser/estar. Acontece, pois, uma **identificação** entre **pessoa** e **símbolo/representação**.

No caso de Leonardo a dança praticada pela artista/dançarina Carla Perez foi como um **referencial afetivo**, uma ídola a quem ele desejava imitar utilizando de adereços estéticos e roupas para se sentir dançarina tanto quanto a Carla Perez.



**É o Tchan!** é um grupo musical brasileiro de Pagode formado em 1994 pelos cantores **Beto Jamaica** e **Compadre Washington**. Originalmente, além dos vocalistas, tinha como dançarinos **Carla Perez**, **Débora Brasil** e **Jacaré**.

O grupo garantiu um enorme sucesso comercial no Brasil, conquistando uma legião de fãs e admiradores (especialmente LGBTQIA+) que se vinham representados(as), principalmente, nas dançarinas.



**Billy Elliot (2001)** narra a história de um garoto de 11 anos que vive no interior da Inglaterra. Incentivado pelo pai, Billy começa a treinar a boxe, contudo descobre seu talento no balé. Orientado por sua professora de dança, Billy escolhe o balé em vez do boxe. Porém, terá que enfrentar os julgamentos de seus familiares, principalmente seu pai.

Disponível em: <https://youtu.be/nliDBv7cjPo?si=qqthVWHPaBSJrG0g>



LabEU

labEU

Laboratório de  
Espacialidades Urbanas





# MENINOS NÃO DANÇAM?

*"[...] Também nessa época surgiu a Vera Verão. Qual criança preta viada nunca foi apelidada de Vera Verão?! Então com 6, 7 anos eu já era Vera Verão. E obviamente naquele momento eu tinha vergonha de ser a Vera Verão. Quem gostaria de ser violentado fisicamente e verbalmente durante o dia?! [...]"*



**Jorge Lafond** (1952-2003) nasceu em Rio de Janeiro.

Foi um ator, comediante, dançarino e *drag queen*. Ficou conhecido nacionalmente por ter interpretado a personagem "**Vera Verão**" do programa de TV "A praça é nossa" transmitido pela emissora SBT.

Ademais, a personagem se tornou símbolo tanto de chacota por estereotipar o homossexual preto efeminado, quanto de empoderamento por parte daqueles(as) que se sentiam representados(as) pelo trabalho do artista.

Infelizmente, determinadas personagens podem se tornar símbolos de chacota, ofensa, violências verbais e/ou físicas, como fica expresso no relato de Leonardo.

A personagem **Vera Verão** do Programa de TV "A Praça é Nossa" tinha tudo para se tornar uma outra ídola na sua vida, no entanto, as **marcas (raça e sexualidade)** que constituíam tal personagem foram associadas ao seu corpo e suas expressões de gênero, em consequência disso, foi apelidado de Vera Verão como forma jocosa e violenta por outros(as) estudantes.

Os efeitos dessas situações inscrevem memórias de dores, fobias, vergonha, auto-ódio. Na juventude e/ou fase adultas tais circunstâncias podem ter como efeitos sintomas depressivos, evasão escolar, automutilação e no caso mais grave, o suicídio.

*Para* →  
*reflexão*



Disponível em: <https://youtu.be/nliDBv7cjPo?si=qqthVHVPaBSJrG0g>





# Interseccionalidade

## DO MOVIMENTO SOCIAL À TEORIA

A teoria da interseccionalidade tem ganhado notoriedade nos meios acadêmicos há um certo tempo (KYRILLOS, 2020). Carla Akotirene (2019) traz que essa popularidade ocorre desde 2001, após a conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância que aconteceu em Durban, na África do Sul. Mas, a história da interseccionalidade é bastante anterior à sua popularização.

Embora o presente texto não fale especificamente sobre a história do conceito de interseccionalidade, é relevante pontuar algumas questões de início. A teoria deriva de um movimento de enfrentamento ao racismo, havendo vasta literatura em inglês, seguido pelo francês (HIRATA, 2014). Como mencionado anteriormente, o termo recebeu popularidade em meados dos anos 2000, mas o conceito remete, na verdade, à décadas antes, de 1960 e 1970, e ao movimento Black Feminism, o Feminismo Negro (HIRATA, 2014). No final da década de 1960, mulheres de cor se engajaram em práticas dos direitos civis, do movimento feminista negro, de movimentos asiático-americanos, de libertação dos chicanos e de busca pelos direitos dos nativos americanos (COLLINS, BILGE, 2020).



## Interseccionalidade

Assim como a história da interseccionalidade é anterior à sua popularização. A prática é anterior à primeira vez que o termo foi usado nos moldes acadêmicos. Porém, é importante comentar que a primeira vez que o termo foi usado para fazer referência à interdependência entre diferentes eixos de opressão (racismo, sexismo, preconceito de classe) foi em 1989 pela afro-americana Kimberlé Crenshaw (1989).



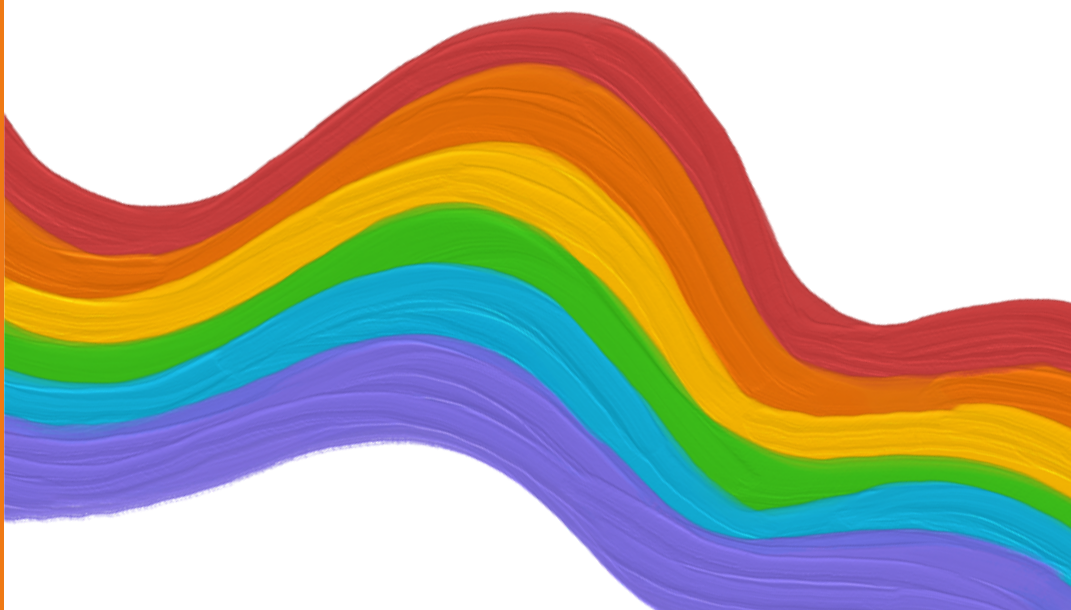
62

### Dica de leitura

**Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e política antirracista**

Por Kimberlé Crenshaw; tradução gratuita por Carol Correia

Carol Correia - Follow  
53 min read · Jul 25, 2021



O movimento do feminismo negro desencadeia a elaboração das concepções centrais da interseccionalidade e é construído dentro das fronteiras do feminismo como crítica e avanço ao próprio movimento. Emerge quando mulheres negras passaram a questionar e apontar a existência do racismo dentro do próprio movimento feminista. Surge, então, como uma crítica e colaboração à teoria feminista e à luta antirracista (CRENSHAW, 1989).



Sobre isso, bell hooks comenta que a reação interna do movimento feminista perante esses apontamentos foi a falta de compreensão e até a raiva, havendo uma certa exclusão de mulheres negras que confrontaram o racismo no movimento feminista (HOOKS, 2019).

NO TEXTO DE CRENSHAW (1989), A AUTORA APONTA QUE HAVIA (E HÁ) UMA LIMITAÇÃO AO SE PENSAR SOBRE AS DESIGUALDADES, VISTO QUE ESSAS SÃO PENSADAS, EM IMENSA PARTE, A PARTIR DE UM EIXO SIMPLES, DE APENAS UMA PARTE DO GRUPO QUE SOFRE. PARA DISCUTIR ESSA LIMITAÇÃO ANALÍTICA EXISTENTE NO FEMINISMO, QUE MUITAS VEZES IGNORA AS VIVÊNCIAS ESPECÍFICAS DE MULHERES NEGRAS,

Kimberlé Crenshaw (1989), ao falar da história da interseccionalidade, retorna até um momento em que o conceito ainda não tinha sido nomeado, ao ano de 1851, ao famoso discurso de Sojourner Truth, colocado na próxima página.

## Interseccionalidade





Ao questionar “e eu não sou mulher?” Truth, mulher que nasceu escravizada em Nova Iorque, afirmou, em 1851, no contexto de uma Conferência dos Direitos da Mulher, em Ohio:

“Olhe para o meu braço! Eu arei, plantei e colhi em celeiros, e nenhum homem me podia ultrapassar – e eu não sou uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – se tivesse essa possibilidade – e podia suportar o chicote também! E eu não sou mulher? Eu pari treze crianças e vi a maioria ser vendida como escravos, e quando gritei com a dor de perder a minha mãe, ninguém, além de Jesus, me ouviu – e eu não sou mulher?” (Flexner, 1975 apud Crenshaw, 1989, p.72, trad Lafit, 2019).”



SOJOURNER TRUTH -  
BIBLIOTECA DO  
CONGRESS.  
[DOMÍNIO PÚBLICO],

Essa fala mostra que mesmo antes da formulação do conceito de interseccionalidade, Truth criticava o esquecimento ou a ignorância da existência de interseções entre classe e raça (TERRA, 2021). Ela questiona, por exemplo, o discurso de que mulher “é o sexo frágil”, ao apresentar que as mulheres escravizadas sempre trabalharam, e ainda, com serviços considerados do sexo masculino. Nesse contexto, uma luta pelo direito de trabalhar fora de casa, por exemplo, não era (não é) uma luta das mulheres negras, visto que essas sempre trabalharam, inclusive escravizadas.



A teoria da interseccionalidade vem dizer que a violência que mulheres sofrem tem relação com dimensões de suas identidades, como a raça e a classe.



No texto “Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e política antirracista” de Kimberlé Crenshaw, já indicado para leitura, para abordar o tema interseccionalidade a autora examina alguns casos judiciais, analisando como tribunais interpretam a história de mulheres negras. Um desses casos examinados é o contra a empresa General Motors, sobre o qual comentarei brevemente a seguir, trazendo as reflexões de Crenshaw:

Cinco mulheres negras processaram o General Motors por que o empregador não contratou mulheres negras antes de 1964, e todas as mulheres negras que foram contratadas depois perderam seus empregos, o que é uma perpetuação da discriminação de gênero e raça.

O tribunal rejeitou a tentativa das demandantes de seguir com uma ação representando mulheres negras, e declarou:

“As demandantes falharam em citar quaisquer decisões que declarassem que as mulheres negras são uma classe especial a ser protegida da discriminação. A própria investigação do Tribunal não revelou tal decisão. As demandantes obviamente têm direito a uma reparação caso tenham sido discriminadas. No entanto, elas não deveriam ser autorizadas a combinar recursos legais para criar um novo “super remédio” que lhes proporcionaria assistência além do que os redatores dos estatutos relevantes pretendiam. Assim, esta ação deve ser examinada para ver se apresenta uma causa de ação para discriminação racial, discriminação sexual ou, alternativamente, qualquer uma delas, mas não uma combinação de ambos.”

Mesmo que a empresa General Motors realmente não tenha contratado mulheres negras antes de 1964, o tribunal alegou que “a General Motors contratou... funcionárias por vários anos antes da promulgação da Lei dos Direitos Civis de 1964.”

Então, o tribunal interpretou que se a empresa contratou mulheres brancas, não havia discriminação sexual, o que bastava.

Colocando casos como esse como exemplo em sua escrita, Crenshaw consegue expor a realidade da intersecção entre gênero e raça que perpassa a vida das mulheres negras e que é ignorada pelo seguimento jurídico no caso analisado.



KIMBERLÉ CRENSHAW É UMA ACADÊMICA E ESCRITORA PIONEIRA SOBRE DIREITOS CIVIS, TEORIA RACIAL CRÍTICA, TEORIA JURÍDICA FEMINISTA NEGRA E INTERSECCIONALIDADE. ALÉM DE SEU CARGO NA COLUMBIA LAW SCHOOL, ELA É ILUSTRE PROFESSORA DE DIREITO NA UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA, EM LOS ANGELES.

Para saber mais:



## Interseccionalidade

Vale trazer que, com base no meu contato com as reflexões de Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2020), a interseccionalidade não se resume a um somatório de opressões e a análises identitárias - embora versem sobre essas duas questões também -, mas é uma ferramenta analítica, uma práxis-crítica que leva em conta o contexto social, a relacionalidade e a complexidade da construção da sociedade.

### *Para reflexão*

A escola é composta  
por pessoas que vivem  
interseccionalidades!  
Pode ser lugar de  
opressão, mas também de  
enfrentamento e  
realização.

As autoras trazem que as ideias centrais da interseccionalidade surgem no contexto de movimentos sociais enfrentando o que elas chamam de “crises de seu tempo”, tais como o enfrentamento do colonialismo, racismo, sexismo, militarismo e exploração capitalista. Isso quer dizer que a teoria supracitada vem como um contraponto aos sistemas de opressões que constituem e construíram a sociedade atual. É possível compreender que até a existência do feminismo negro se pensava o termo mulher com uma conceituação que podemos chamar de universal, pensando a vida das mulheres de forma coletiva, não abordando diferenças que existem entre as mulheres. Diante disso, o feminismo negro vêm para trazer a importância da nomeação das opressões, para que sejam compreendidas e combatidas. A interseccionalidade parte então do movimento social (feminismo negro), se compõe como teoria e pensamento científico e caminha-se para processos metodológicos.

## Geografia - Interseccionalidade - Espacialidade

Como teoria e pensamento teórico-metodológico, na geografia, a interseccionalidade é incorporada pela Geografia Feminista. Susana Maria Veleda da Silva, já em 1998 traz que a geografia incorpora contribuições da teoria do feminismo para explicar e interpretar fatos e fenômenos geográficos. A teoria feminista critica a dicotomia existente entre natureza e cultura, e a partir dessa crítica se aproxima da Geografia e da relação natureza e sociedade. Existem diversas questões da geografia que possuem relação com o gênero, tais como questões de direito à cidade, de violência urbana, e da construção social do espaço.

É nesse contexto que a interseccionalidade, como teoria que parte do feminismo negro, pode e é utilizada para se pensar uma geografia que é interseccional.

Professora Maria das Graças recebe Prêmio Mulheres Negras por seu legado na educação e no combate ao racismo.



Pensemos sobre interseccionalidade por meio de um relato, na próxima página.



LabEU

**labEU**Laboratório de  
Espacialidades Urbanas

# Interseccionalidade

Participação de Daniele Araújo



foi um aniversário em setembro do ano passado. E a tia disse: hum, não vou fazer nada, esse ano não vai ter nada, não vai ter festa. Eu fiquei esperando aquele telefonema porque eu sempre recebo, sempre recebi aquele telefonema, ou da minha vó ou propriamente dela, dessa tia minha. E naquele dia eu não recebi. Eu mandei mensagem de feliz aniversário, e desejando as felicitações e tal. E aí a noite, eu vejo, no instagram, um post, é, uma foto e naquela foto tinha seis ou sete mulheres em um determinado lugar, um bar, não me lembro agora onde que era. E na hora que eu vi aquela foto, com aquelas mulheres, todas heteronormativas, todas ali cumprindo aquele social, aquele cada uma com o seu lugar de fala, naquele contexto, naquela atmosfera, eu fiquei reflexiva. Eu fiquei pensando: porque que, porque que não recebi uma mensagem?

“...e aí eu fui perceber cada uma daquelas mulheres, cada lugar que elas tinham, cada lugar que elas ocupavam e que eu não encaixava nele. Eu era ali, naquele momento, como que a Adriana ia encaixar a Daniele, sobrinha, sapatao, macumbeira, lesbica, é como que a Adriana ia encaixar a Daniele ali naquele recorte. Não tinha jeito.”

Esses trechos da fala da participante foram destacados devido ao fato de que ela identifica que determinadas características suas, como sua orientação sexual, fazem com que ela seja (ou não) incluída em um espaço.

## Mas, o que é orientação sexual?

De acordo com Jaqueline de Jesus (2012, p.26) orientação sexual é referente à “atração afetivossexual por alguém.” É relativa à sexualidade, sendo diferente do “senso pessoal de pertencer a algum gênero.”



Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião de Jaqueline de Jesus.



# Sobre o conceito de Interseccionalidade

E porque o relato de Dani permite refletir sobre isso



Dando esse depoimento, na área pessoal, familiar, e aí um outro ponto que eu queria ter falado aqui da minha situação de privilégio é que a minha família não é uma família cristã, então tem uma diferença, eles me acolheram de uma forma, e até hoje todos os meus amigos, todos os meus relacionamentos, os meus afetos são acolhidos pelos meus pais, então é diferente quando você não tem um ambiente cristão. Meus pais sempre foram da Seicho-no-ie, então o pensamento é diferente, a ideologia é diferente.

Daniele fala também sobre seu contexto religioso. Primeiro, porque se identifica como macumbeira (página anterior). Segundo, porque cresceu em uma família que pratica a filosofia japonesa Seicho-no-ie, com uma visão diferente, que a Daniele entende que fez diferença na vida dela no sentido de que a família a acolheu (a mãe e o pai).

“A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.”

(COLLINS, BILGE, 2021, p. 16).

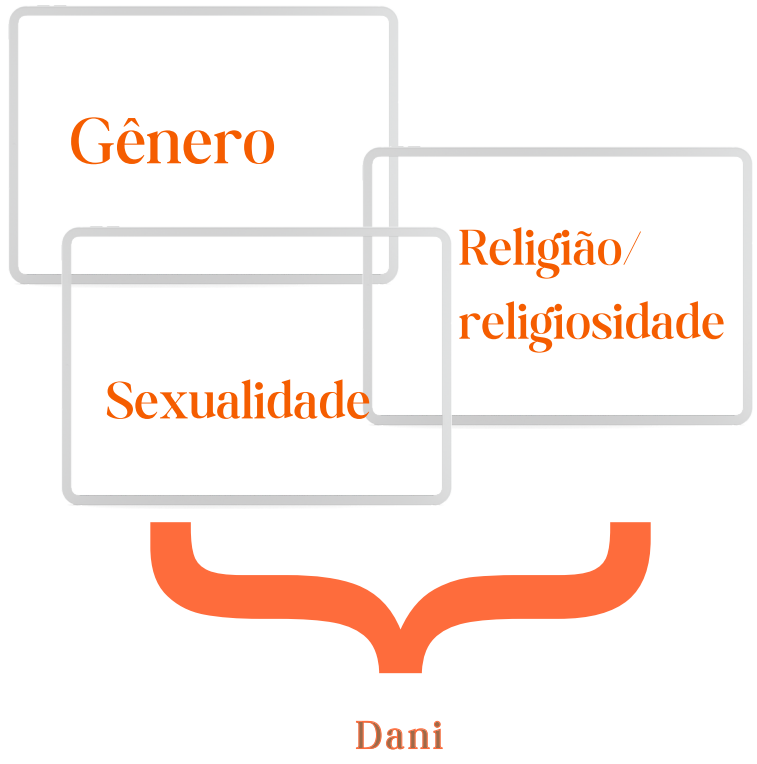


# Sobre o conceito de Interseccionalidade

E porque o relato de Dani permite refletir sobre isso

Sendo a teoria da interseccionalidade uma teoria que acolhe as diferenças, o relato da Dani, perpassado por questões de religião e orientação sexual permite que se reflita sobre esse conceito e sobre a prática interseccional.

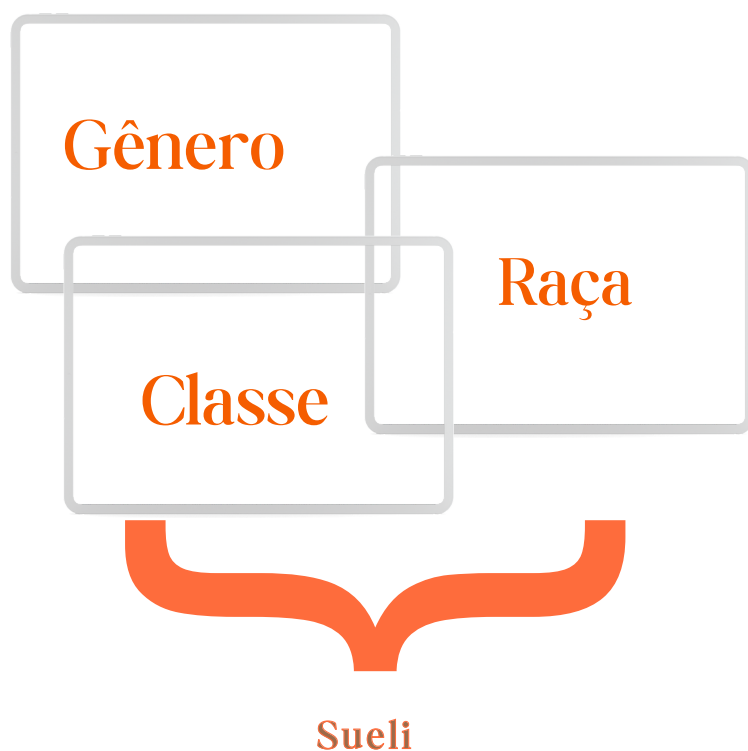
70



## Outro relato que envolve Interseccionalidade

Resposta para um questionamento referente à vivência de situações de preconceito na escola:

“Por ser negra, já. Eu já, na escola, no quarto ano. Assim que eu cheguei pra cá. Ai tinha uns meninos que tinha muito preconceito comigo: me chamava de negra, que não era pra eu estudar naquela sala. Até falaram com a diretora pra eu trocar de sala. Ai eu cheguei em casa, falei pra minha mãe. Ai minha mãe veio aqui, foi no Conselho, aí o Conselho veio aqui, conversou com a diretora, que ela, até ela tava querendo me trocar de sala por causa disso [...] Ai minha mãe veio aqui, conversou com a diretora. Perguntou por que que ela queria me trocar de sala. Ai os menino pegaram e falou, por que eu era negra, que eu também tinha o cabelo muito ruim, que minha mãe não tinha dinheiro, essas coisa.” (Sueli, 16 anos)\*



\*Relato exposto no artigo intitulado “Ensino de História sob um olhar interseccional: considerações sobre relatos de estudantes negras do Sul do Pará.” de autoria de Andreia Costa Souza e Dernival Venâncio Ramos Júnior que expressa o racismo no cotidiano e que permite perceber a intersecção entre gênero, raça e classe.

# Diferenças e opressões estão presentes no ambiente escolar.

Escolas são lugares de vivências de diferentes grupos de pessoas, com diferentes interesses, identificações e contextos. Nessa perspectiva de pluralidades, a escola deve e pode fazer parte da construção da igualdade.



Não existe vida sem cotidiano e não há cotidiano sem interseccionalidades!

Opressões interseccionadas interferem na permanência escolar.

Prosseguindo e refletindo acerca da permanência escolar, de acordo com Cassali e Gonçalves (2019) a evasão escolar é historicamente um problema na sociedade brasileira, havendo diversos contextos e motivos que compõem esse problema complexo. Ainda conforme as autoras, a discriminação atinge de forma negativa a garantia do direito ao acesso e permanência de minorias na escola. As pessoas LGBTIA+, por ultrapassarem a barreira do considerado normal, do binarismo de gênero e da heteronormatividade, acabam sendo alvo de exclusão, intolerância e marginalização, o que constantemente pode levar e leva ao abandono escolar. Outros fatores também influenciam nisso: preconceito de classe, capacitismo, intolerância religiosa, e racismo.

Para saber mais sobre capacitismo e outras interseccionalidades:

ivanbaron

1.257 Publicações 495 mil Seguidores 2.315 Seguindo

IVAN BARON | Influenciador da Inclusão

ivanbaron

Criador(a) de conteúdo digital

Potiguar e POLITIZADO!

ivan.baron@mynd8.com.br

Já leu o GUIA ANTICAPACITISTA?

Ver tradução

bit.ly/31hBUXy

eupimenta

685 Publicações 748 mil Seguidores 1.233 Seguindo

Thabatta Pimenta

eupimenta

Única Vereadora Trans do Nordeste

2ª Mulher progressista + votada no RN para Deputada Federal

Influenciadora, Ativista e Irmã do Ryan

Ver tradução

youtu.be/bQX7yHzHuGg?si=pp70FeRDuIPV3r...

\_anaclarabm

733 Publicações 85,9 mil Seguidores 2.369 Seguindo

Ana Clara Moniz ela/dela/she/her

\_anaclarabm

Criador(a) de conteúdo digital

não ando, não quero andar e reclamo de quem anda

criadora, jornalista, palestrante e reclamona

contato: anaclara@tambor.biz

Ver tradução

linktr.ee/\_anaclarabm

72



# REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

ALBORNOZ; Suzana Guerra. As esferas do reconhecimento: uma introdução a Axel Honneth. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. V. 14. N. 1. São Paulo: USP, 2011.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: O que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BENEVIDES, Bruna G e NOGUEIRA, Sayonara N. B. (Orgs.). Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. PCNs Parâmetros curriculares nacionais: Geografia / **Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRITO, Leandro Teófilo; LEITE, Miriam. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. *Práxis Educativa*, v. 12, n. 2, p. 481–500, 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8812>. Acesso em: 24 out. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COLLINS, Patricia. Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 19 set. 2023.

COVAS, Fabíola Sucasas Negrão; BERGAMINI, Lucas Martins. Análise crítica da linguagem neutra como instrumento de reconhecimento de direitos das pessoas LGBTQIA+. **Brasilian Journal of Development**. V. 7, N. 6. São José dos Pinhais-PR: 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: a Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1, n. 8, p. 139-167.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. In: História da sexualidade I: a vontade de saber. 1988.

# REFERÊNCIAS

- HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HILL COLLINS, Patricia. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: editora Boitempo, 2019.
- HIRATA, Helena. Gênero, Classe e Raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Revista Tempo Social, Universidade Federal de São Paulo, SP, v.26, n.1, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/LhNlNH6YJB5HVJ6vnGpLgHz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 11 mar. 2022.
- HONNETH, Axel. **Luta pelo reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2009.
- HOOKS, Bell. Anseios: raça, gênero e políticas culturais. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Elefante, 2019.
- JESUS, Jaqueline. Gomes. Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos. 1. ed. Goiânia: Ser-Tão - Núcleo de estudos e pesquisas em gênero e sexualidade / UFG, 2012. v. 1. 42p.
- KYRILLOS, Gabriela. M. Uma Análise Crítica Sobre os Antecedentes da Interseccionalidade. Revista Estudos Feministas, Universidade Federal de Santa Catarina, SC, v.28, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zbRMRDkHJtkTsRzPzWTH4Zj/abstract/?lang=pt>. Acesso em 18 nov. 2023.
- MELO, George Souza de. O caso Dandara dos Santos: sobre a violência e o corpo dissidente. **Periódicos**. V. 1, N. 10. Salvador: UFBA, 2019.
- REIS, Toni; CAZAL, Simón. **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: IBDSEX, 2021.
- REICH, Ivânia Elizabete. O reconhecimento em Hegel. **Dissertação de mestrado**. Florianópolis: UFSC/Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2012.
- SANTOS, Thyago Avelino Santana dos. **Manual de comunicação LGBTQIAPN+**: respeitando todas as formas de existir. Aracaju-SE: Poder Judiciário do Estado do Sergipe/TJSE/Comitê da Equidade de Gênero e Raça do TJSE, 2021/2022.
- SILVA, S. M. V. da. Geografia e Gênero / Geografia Feminista - O que é isto?". Boletim Gaúcho de Geografia, Porto Alegre, n.23, p. 105-110, março, 1998. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38385/25688>. Acesso em 18 nov. 2023.

SOARES, Marcelo Chaves. Pensando a consciência coletiva de homens gays: um ensaio para decolonizar o corpo negro. ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 8, n. 16, p. 77-90, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/11672>. Acesso em: 23 set. 2023.

SOBRE. Antra Brasil, 2023.. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/sobre/>>. Acesso em 18/11/2023.

SOUZA, Andrea Costa.; RAMOS JÚNIOR, Dernival Venâncio. Ensino de História sob um olhar interseccional: considerações sobre relatos de estudantes negras do Sul do Pará. Revista Em Tempos de Histórias, Brasília, n. 36, p. 273-289, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/31771/26490>. Acesso em 18 nov. 2023.

VANDENBERGHE, Frédéric. Reificação. In: FARIAS, Alberto L. C. de & MAGNELLI, André (Orgs.). Cartografias da crítica. Balanços, perspectivas e textos. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades, 2019, pp.165-174.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. Tabuleiro de Letras, v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5176>. Acesso em: 3 ago. 2023.

TAVARES, André Luiz Bezerra; OLIVEIRA, Anita Loureiro de. De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse. Revista Continentes (UFRRJ), vol. 11, n. 21, p. 182-200. Disponível em: <https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/349>. Acesso em: 6 jul. 2023.



# PROJETO DIVERSIDADE NA ESCOLA

*Colorindo a Educação: Pensando uma Sala de Aula  
Inclusiva e Respeitosa*

[www.arcoeditores.com](http://www.arcoeditores.com)  
[contato@arcoeditores.com](mailto:contato@arcoeditores.com)  
(55)99723-4952